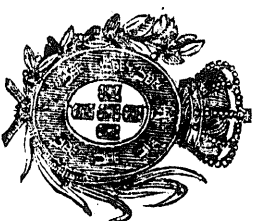
EXTRACTOS
DAS
OBRAS POLITICAS
E
ECONOMICAS
DE
EDMUND BURKE
POR
JOSE' DA SILVA LISBOA.

PARTE II.

Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta,
Aurea, perpetuâ semper dignissima vitâ.

Lucret. III.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1812.
Com Licença.

APPENDICE.

Spain rendered subject to them, and hostile to us: Portugal bent under the yoke.

Burke Letter. I. on a regicide peace.

DEpois de tantas razões de Mr. Burke, ainda que só apresentei em miniatura, accrescentar qualquer cousa, he como lançar huma gota no Oceano. Homero affirma de Ulysses, que, depois de fallar este Genio no Congresso dos Principes da Grecia, quando fizerão a Grande Alliança contra o Inimigo Commum, nenhum mortal se atrevia a contradizello; e que, se na Confederação houvessem dez Conselheiros semelhantes, teria, logo desde o principio da guerra, cahido a Torre de Troia, baluarte do Despotismo Oriental. Isto se póde applicar áquelle Grande Homem d'Estado.

Para se fazer recto juizo de qualquer composição, deo-nos hum excellente criterio o Escriptor dos *caracteres* (*) que se distinguio entre os Sabios da antiga e orthodoxa Literatura Franceza. „ *Quando alguma*

(*) Quand une lecture vous éléve l'esprit, e qu' elle vous inspire des sentiments nobles e courageux, ne cherchez pas une autre règle pour juger de l'Ouvrage; il est bon, e fait de main d'Ouvrier. = *Le Bruyere.*

lição eleva o animo, e inspira sentimentos nobres, e valentes, não se busque outra regra para julgar da obra, ella he boa, e feita por mão de Mestre. „

Penso ser impossivel que Leitor sincero não se encha de altos pensamentos, tendo lido os antecedentes Extractos. O Publico já está de posse da traducção de *historia secreta do actual Governo Francez*, em que o seu Author *Goldsmith*, que esteve annos em París, certifica, que as obras do orador Inglez circulavão clandestinamente na França, e erão lidas com ancia por todos os que ahi não tem ainda perdido o senso moral, e que suspirão pelo restabelecimento da sua legitima Monarchia, e boa ordem da Europa. Isto só he sobejo elogio de *Burke*, e até constitue indecente qualquer tentativa de fraca penna na defensão de seus principios, e aínda mais da grandeza de seu merito, depois da esplendida, e não supplicada, recompensa do proprio Soberano, á elle, e á sua familia; o que augmenta os titulos de veneração á táo Grande Monarcha, verificando-se nelle o nobre Principio Politico do nosso Author das Descoberta d'Africa, Asia, e America, *João de Barros*, na Apologia que tambem de si deo = *Os Princípes que fazem honra aos homens, em que Deos póz alguma particular e extremada graça, honrão a Deos na honra que lhe fazem, por ser obra sua; e quando honrão a aquelles que elles fizerão, ficão idolatras de seus proprios feitos.* =

Mas, como Burke expressamente lamentou, que tambem Hespanha se submettesse aos Regicidas, e se fizesse inimiga da Gram-Bretanha, e que *Portugal se dobrasse ao jugo* (*), os seus discursos são até por isso dignos de especial attenção, pelo interesse que táo grande Politico, e (seja licito dizer) natural Propheta da sua Nação (*) tomou pela sorte da Peninsula, e da nossa Monarchia. Tanto mais que a Scena está hoje mudada; visto que Hespanha he já amiga da Gram-Bretanha, Portugal sacodio o jugo, e a tripla Alliança provavelmente dará melhor face á Europa.

Ainda que as suas doutrinas contra os principios da Revolução da França exuberantemente se justifiquem pela experiencia de tantos notorios horrores, comtudo, como os seus conselhos sobre a necessidade da guerra para abater o Monstro revolucionario, tem encontrado acerrimos Contradictores, não só no Partido da opposição do seu Paiz, mas tambem nos amantes da paz de todas Nações, e por isso não falta quem lhe impute as actuaes desgraças da Europa, pelo impulso que deo ao Governo Inglez para entrar, e persistir na guerra contra a Facção Usurpa-

(*) Allude á primeira Negociação de Paz, a qual não teve effeito.

(*) Cicero bem diz, que ha nos homens Sabios vaticinio, e quasi certo agoiro do futuro, pela ordem natural das cousas.

Lib. de divinatione.

dora; espero que não pareça importuno offerecer algumas observações, para dissipar as idéas sinistras que dahi tem resultado, e assás influido em deliberações do maior momento.

He espectaculo majestoso ver-se a hum homem como Burke oppôr o seu juizo ao de milhões, e em poucos annos realisarem-se os seus prognosticos, que aliás, no tempo em que os proferio e sustentou, parecerão, em quasi geral opinião, delirios, ou paradoxos de enthusiasta, que pertendia celebrisar-se por odiosa singularidade. Os que o diffamarão (por não terem tão profundo conhecimento da natureza humana, da ordem social, e do caracter da Nação Franceza) hoje mostrão sentimentos de admiração por hum Genio tão comprehensivo, e vêdor do futuro.

Os que ainda conservão restos de idéas cerebrinas, contestão as doutrinas de Burke, dizendo: 1.º que he contra o Direito das Gentes intrometter-se qualquer Governo na refórma e mudança da Constituição dos outros Estados: 2.º que se as Potencias da Europa não se tivessem confederado contra a guerreira Nação Franceza para impedir a sua nova Organisação Politica, e se Inglaterra não fosse depois a alma da Confederação, em breve a Revolução Franceza se destroiria pelos proprios furores dos partidos contrarios; e por tanto logo se restabeleceria o seu antigo legitimo governo, e não se teria levantado hum povo de soldados, pela necessidade de resistencia á

tantos inimigos, enthronisando-se, como natural consequencia, o systema Militar, que concentrou na França hum Poder irresistivel, o qual aspira á Monarchia do Universo: 3.º que o Governo Inglez, ainda que ora mui poderoso por mar, não póde defender por terra a seus Alliados, pela immensa desproporção das forças do Inimigo, que dispõe dos recursos e braços de tantos Estados subjugados, e que até ameaça invasão na Gram-Bretanha, pela possibilidade de erigir tambem Forças Navaes, que destruão a sua Preponderancia Maritima, estando a França ora Senhora de quasi todos os portos do Continente Europeo.

Injustiça na Confederação, e *impotencia de resistir á França*, são as insidiosas suggestões, com que os Coryphèos das desordens propagão por toda a parte a propria malignidade; afim de indispôrem o vulgo, e ainda os bons, mas fracos, espiritos, contra todos que aconselhão opposição á seus projectos, para o effeito de melhor segurarem a preza.

Já a Nação Franceza lançou anathema sobre si mesma, e sobre os seus presumidos sabedores, que illudirão o mundo. Ella, depois de ser a victima dos proprios erros, reconheceo a estulticia dos vagos principios da *liberdade* e *igualdade*, e não menos a impossibilidade de se governar tão vasto paiz como a França sob a forma republicana. Antecedentemente só tomarão a lição do seu louco *Russeau*, e não do seu maior, e moderado Politico, o celebre Author do

espirito das Leis, que bem havia descripto a excellencia*-da *Constituição Monarchica* (*) mostrando ser a mais conveniente aos grandes Estados. Isto basta para confundir e desabusar aos Sectarios da moderna e degenerada escola de Literatura e Politica Franceza.

Por tanto justo foi o receio que os Soberanos circumvizinhos tiveráo de verem abrazar, igualmente como a França, os seus paizes com o incendio de huma Revolução, que nunca houve no mundo, apoiada em principios táo falsos e seductores, e em hum táo vasto e antigo Estado. Consequentemente, por defeza natural, procuraráo confederar-se, para destroir a Facção dominante. Melhora de estado do povo francez servio de pretexto para a sua desorganisação; mas o fabricante de Constituições, o Ecclesiastico Seyés, descobrio a *incognita* do calculo, = foi (disse) a *Ante-câmera que tentou entrar no Salão*.

A Revolução Franceza foi hum phenomeno *sui generis*, e sem exemplo na historia. Ella fez a mais assombrosa metamorphose de idéas, honras, e propriedades, e até mudou a face physica do paiz. Ella só teve o effeito de pôr acima o que estava abaixo, e em baixo o que estava acima, abatendo artes, sciencias, commercio, navegação, e reduzindo

(*) He o justo meio entre as desordens do Governo democratico e as violencias do Governo despotico. Montesquieu deo sobre isso os privativos caracteres. V. Liv. 5. Cap. 10. e seg.

o Corpo principal do povo a ser ainda *menos que nada*, (*) ficando a sua condição, e vida inteiramente á disposição dos Usurpadores; chegando até ao miseravel extremo de serem milhões de individuos *soldados natos*, pela chamada *Lei da Conscripção*, sendo já fixa a sua sorte, ainda antes de virem á luz do dia, sem poderem ter escolha de profissão, inutilisando-se infinitos naturaes talentos, e dotes do Creador; o que deve influir em immensa diminuição de bens da Sociedade. Que vestigio ou sombra alli ficou de liberdade, e igualdade?

——————— Jam proximus ardet Ucalegon.

Quando em casa vizinha péga fogo, o senso commum dicta a todos que moráo proximos, acudir

(*) Os Francezes, grandes presumidos em Mathematicas, tambem reduziráo a sua gente á formula algebrica. Já antes da Revolução appellidaváo a muitos de si mesmos = *huns valem nada* = (c'est un vaut rien). Os seus partidistas fazem a ridicula *equação* de todos os Estados da Revolução, e modos de Governo, pela sua nova methaphysica de Optimismo politico, igualmente louvando a Anarchia, e Tyrannia, em todas as suas farças. A Revolução se assemelha á Circe da fabula, que convertia em brutos a quantos tocava. Maior estupidez e brutalidade não se póde considerar, que a incoherencia no pensar, e obrar de taes desalmados: para elles, a ultima extravagancia, por mais execravel que seja, he sempre a melhor descoberta.

ao lugar das chamas, e atalhar que lavre ao longe o incendio, e até demolir o edificio, onde a labareda já he inextiguivel. Esta universal pratica de senso commum, e até de procedimento espontaneo, e irreflexo, nunca se qualificou de injustiça, e má vizinhança, antes se mostra ser de necessidade absoluta. A inflammação moral, e contagiosa dos dogmas anarchicos he de intensidade e violencia ainda mais perigosa, pelos furores do vulgo ignorante, quando se sólta dos saudaveis ligamentos do governo civil. Que pessoa de razão não extremece só com a lembrança do que aconteceo na França logo no começo das perturbações, ainda antes que se confederassem contra os revolucionarios os Governos da Europa? Que pavor não causa em todos os animos dos que desejão a tranquillidade de seu paiz, ver os máos exemplos da Revolução Franceza, desenvolvendo, como diz Burke, a *infernal energia de seus principios* em tantas partes do mundo, despertadas as ambições de milhares de individuos escuros, que antes erão contidos na propria esphera, pelo systema da civilisação, que tantos seculos tem custado a formar, e que assigna, pelas innumeraveis divisões de trabalho, á cada membro da sociedade o seu posto, donde não he licito subtrahir-se, e subir de salto aos gráos superiores, sem quebrar a cadeia da continuidade civil, e dourada escala da subordinação?

Ha enorme disparidade (e não admitte a mais

leve comparação) entre o caso da reforma economica, e ainda da mudança da constituição e Leis Fundamentaes de huma Nação; e o caso da ruina das *Leis Fundamentaes da Sociedade*, á que infallivelmente tendia a Revolução da França. Ella, segundo se explica Burke, começou hum *estado de decomposição da natureza humana*. Os seus effeitos forão logo immediatos e horriveis; e até parecem ter deshumanado a Humanidade, reduzindo a Nação Franceza, em grande parte, á huma congregação de tigres. As suas cruezas e impiedades, tão funestamente verdadeiras, até serão descridas nos vindouros, pela inverosimilhança. Quem póde segurar que, se a guerra não désse diversão aos espiritos refractarios, e aspirantes á mudanças nos Estados, não se vissem em todos as indenticas monstruosidades? As mudanças politicas em pequenos Estados podem ser sem consequencia aos vizinhos, mas não nos grandes e guerreiros. Tempestades no Oceano são de mais terriveis effeitos, que n'hum humilde lago.

Os Architectos da Revolução não calcularão as resistencias de tantos interesses oppostos, que, ainda em tempos socegados, continuamente estão em conflicto, e visivel collisão, mas que se equilibrão pór mutuo contrapezo. Elles fatuamente pertenderão, que as diversas classes de proprietarios, nobres, e mais ordens do Estado, resignassem, de bom grado, as suas prerogativas em favor de ambiciosos, e atrabila-

rios, e que os Soberanos lhes pozessem aos pez os seus Thronos e Diademas. Tão chimericas erão as phantasias dos Francezes, que até pertenderão revolucionar as Leis da Natureza, a qual só produz os bens da vida por operações graduaes.

Quando gratuitamente se concedesse ter havido erro politico na confederação contra os Revolucionarios, he impossivel não reconhecer-se a necessidade da guerra, e de Cordial Alliança entre todas as Nações contra a Nação Franceza, depois que ella concentrou a unidade da Monarchia nas mãos de hum Despota Militar, que apregoou sem disfarce o seu (ainda que vão) projecto de Imperio da Terra. A concentração deste poder, prevista por Burke, como infallivel resultado de desordens civis, (que só Politicos superficiaes não virão) força a todos os Estados a entrarem com valor e perseverança neste combate de morte; pois o objecto he a *escravidão da Sociedade.* (*)

A independencia da Grecia se destruío, e até a sua civilisação retrocedeo, pela desunião dos Estados

(*) Já elle está preparando a opinião publica pela diabolica doutrina do seu mais acreditado Escriptor de Economia politica Mr. *Say*, o qual, sem vergonha, nem reverencia á Humanidade, esforça-se (ainda que ridiculamente) em provar contra *Turgot*, *Stewart*, *e Smith*, *que o trabalho do escravo he mais productivo que o do homem livre.* Se isso for convencido no juizo dos violentos, será simples o expediente para haver maior riqueza na sociedade, isto he, fazer de toda a terra huma *universal cafraria.*

dessa Peninsula, e pelo *systema de não-resistencia* ás machinações de Philipe Rei de Macedonia, que marchava á passos de Gigante, affectando espirito pacifico, e protector. Então debalde clamou o Principe dos Oradores de Athenas, para a geral confederação, e vigorosa resistencia de seu paiz contra o inimigo artificioso. A improvidencia de huns, e a inercia de outros, inutilisarão seus esforços. A semelhança dos seus Discursos com os de Burke se patentêa principalmente nas seguintes passagens da 3.ª Philippica.

„ Se tendo vós, Athenienses, feito em tempo o que era devido para se desconcertarem os planos do inimigo, todavia as cousas chegassem á presente extremidade, razão havia para desesperar. Mas como ainda não empregastes os meios proprios a debellallo, muito ha que esperar para a salvação do Paiz. Sendo reconhecido, que Philippe está em guerra com o Estado, o unico objecto de deliberação deve ser, o como se possa resistir-lhe com segurança. Porém, ha pessoas tão extranhamente infatuadas, que, posto elle já tenha invadido parte dos nossos dominios, e esteja extendendo conquistas, e toda a Grecia soffra pela sua insolencia, com tudo ainda ha quem repita que se pertende inimizar-nos com tal Monarcha. Concedo que, se estivesse em nosso poder o partido da paz, este de certo se deveria unicamente abraçar. Porém havendo quem tire a espada, e ajunte exercitos á roda de nós, vindo illu-

dir-nos com o nome de paz, quando, de facto, nos faz a guerra, que resta senão oppôrmo-nos com tudo que está em nosso poder? Se ha quem affirme estar o vizinho em paz, quando se vê que se prepara para, com maior certeza e efficacia, dirigir contra nós as suas forças, sustento que tal homem tem perdido a razão. Ceos! Ha pessoas de espirito recto, que julgue da paz ou da guerra por palavras, e não por acções? A fortuna tem grande influencia nas cousas humanas: mas quem não faz os possiveis esforços para defender a propria causa, e manter a sua existencia, não deve confiar nos esforços de seus amigos, nem ainda esperar o auxilio do Omnipotente. „

O Demosthenes Britannico foi mais feliz que o Demosthenes Atheniense; pois teve a boa dita de convencer ao Governo de seu paiz, para que fizesse todos os esforços de se mostrar o Anjo Tutelar da Civilisação, entrando e perseverando na guerra contra a França. Depois de hesitações, e alternativas, o systema de guerra está definitivamente acordado, até que a França se reduza á estado compativel com o justo equilibrio de poder que antes subsistia, que he o voto de todos os verdadeiros amantes da paz, e ordem. He estranho, que não fosse attendido em todas as Nações, quando aliás os seus discursos erão conformes ás doutrinas dos melhores Escriptores de Direito das Gentes. Estes são unanimes em reconhecer a necessidade de Geral Confederação dos Povos con-

tra a Potencia. que alça a cabeça, manifestando pertenções desmedidas, até para se prevenirem os seus attentados, quanto mais depois de commettidos. Assim se explica o mais acreditado Mestre daquella sciencia, o insigne Vattel, no Liv. 3. Cap. 3.

„ As armas são justas e sanctas para aquelles a quem não se deixa outra esperança senão nas armas. A Europa se vio á ponto de cahir em ferros, por não se ter, em opportuno tempo, opposto á fortuna do Imperador Carlos V. He por ventura racionavel soffrer o engrandecimento de hum vizinho, e esperar tranquillamente que elle se disponha a pôr-nos os grilhões? Será então o tempo de se defender o Estado, quando já não hajão os meios? A Prudencia he hum dever de todos os homens, e com especialidade dos Conductores das Nações, encarregados de vigiar sobre a salvação de seu Povo. „

„ He infeliz para o Genero Humano o quasi sempre suppor-se a vontade de opprimir, onde se acha o poder de opprimir impunemente. Desde que hum Estado tem dado signaes de injustiça, cubiça, orgulho, ambição, e desejo imperioso de fazer a Lei, vem a ser hum vizinho suspeito, contra o qual se deve estar em cautela, e se lhe póde logo pedir seguranças; e recebendo elle hum crescimento formidavel de potencia, e hesitando em dar taes seguranças, deve-se prevenir os seus designios por força d'armas. Os interesses das Nações são de

differente importancia a respeito do interesse dos particulares. O Soberano não póde vigiar sobre elles froxamente, ou sacrificar as suas desconfianças por grandeza d'alma, e por generosidade. Os homens são frequentemente reduzidos a se governarem por calculo de probabilidades, e estas probabilidades merecem a sua attenção á proporção da importancia do objecto; e, para me servir de huma expressão de geometria, elles são justificados a irem adiante do perigo, em *razão composta* do grão de apparencia, e da grandeza do mal de que se está ameaçado. Tratando-se da salvação do Estado, nunca he assás extensa toda a previdencia. Esperar-se-ha, para prevenir a sua ruina, que elle chegue a ser inevitavel? O contrario he pôr os Estadistas á seu commodo, e tirarlhes toda a materia de temor: fazendo-se em tal caso timbre de huma exacta justiça, he correr-se á escravidão. „

„ Todas as Nações devem ser attentas á reunir suas forças para reprimir o Ambicioso; afim de o impossibilitar que opprima a seus vizinhos, ou que os faça tremer continuamente diante delle. A imprudente indifferença não he perdoavel em materia de tão grande importancia. O exemplo dos Romanos he huma boa lição á todos os Soberanos. Se os Estados mais poderosos desse tempo se tivessem concertado para vigiar sobre as emprezas de Roma, afim de pôr limites á seus progressos, não terião cahido

successivamente na servidão. Porém a força d'armas não he o unico meio de defeza contra huma Potencia formidavel. A mais efficaz he a confederação dos outros Soberanos menos poderosos, os quaes a contrabalancem pela reunião de suas forças. Sendo fieis, e firmes, a sua concordia fará a segurança de cada hum. „

„ A Europa acha-se formada em hum systema politico, e hum Corpo, em que todas as partes se ligão por commum interesse das Nações que habitão esta parte do mundo. Ella não he, como antigamente, hum aggregado confuso de Governos separados, dos quaes cada hum se considerava pouco interessado na sorte dos outros. Aquelle systema constituio a Europa moderna huma especie de Republica de Membros independentes, mas reunidos para manterem a ordem, e liberdade civil. Elle deo nascimento á famosa idéa da ***Balança Politica***, ou do ***Equilibrio de Poder***, afim de que nenhuma Potencia predomine absolutamente, e dê a Lei ás outras. „

„ A Inglaterra, cujas riquezas, e Esquadras respeitaveis, tem grande influencia nos negocios da Europa, sem assustar a algum Estado sobre a sua liberdade (visto que esta Potencia parece curada do espirito de conquista,) a Inglaterra, digo, tem a gloria de conservar nas suas mãos aquella Balança Politica, e he attenta a guardar-lhe o Equilibrio. Tal Politica he muito sabia, e muito justa; e será para sempre

louvavel, em quanto nao se ajudar senão de allianças, e de confederações, ou de outros meios igualmente legitimos. „

Esta nobre doutrina, sendo muito antes sustentada, sem contradicção, na Republica das Letras, exclue arguições de singularidade de Mr. Burke, que tão egregiamente a reproduzio para fazer entrar os Governos regulares no conhecimento dos seus genuinos interesses, afim de não succumbirem á Potencia Franceza. Os Partidistas affectão rir-se do restabelecimento do sobredito Equilibrio, tão desgraçadamente quebrado pela discordia das Potencias, e victorias da França que dahi resultarão. Mas como o Governo Inglez tem contrahido á face do Mundo os empenhos mais sagrados de salvar Portugal e Hespanha, he de crer, que não se perderáõ os Estados que não tiverem tambem perdido a sua honra, e não estão resolvidos a desapparecerem da face da terra, perseverando no estranho systema de *não-resistencia*, que equivale á suicidio politico.

A imperial Politica aconselhada por Burke, tem mostrado, que *a França nada póde contra Inglaterra*, e tambem tem segurado ao Governo e Povo Inglez decisiva superioridade contra o Novo Estado Barbaresco, que por seus nefandos attentados se acha reduzido ao mais indigno cativeiro, e sob a dominação de hum Cabo de esquadra Levantado; sendo disso espectadora a mesma Nação comediante, que ha pouco,

entre ás suas furias, até havia forçado as consciencias, obrigando a prestar o absurdo juramento de *odio á Realeza.*

Assim verificou-se a sentença de Burke, que *está na eterna Constituição das cousas, que homens de espiritos desordenados não podem ser livres.* Tal gente necessariamente ha de ser supplantada pelo natural imperio, que as Nações de preeminente saber, caracter solido, e governo regular, sempre tiverão sobre os Estados envilecidos pelas miserias da anarchia, e tyrannia. A Nação Franceza quiz com seu pessimo exemplo reduzir a Europa á triste sorte da'Asia, onde hum soldado feliz póde com facilidade machinar revoluções, destroir o governo estabelecido, e usurpar a Soberania. Assim nenhuma firmeza, e garantia póde haver da Civilisação. Justamente pois a presente guerra he, como diz Burke, *guerra contra este exemplo.*

Grandeza e gloria foi da Monarchia Lusitana unir-se, com os mais intimos laços politicos, á Corôa e Nação Britannica, quando, por fatal illusão, os mais Estados da Europa se desligarão da geral Confederação. O nosso Soberano, prescindindo de timbres que tem perdido Nações em crises do perigo, certo na fidelidade, e energia de seu Povo, entregou com prudente confiança, ás Forças de seu Reino aos Conselhos do Gabinete Inglez, identificando a sua causa á da Monarchia de Inglaterra. Por isso a nossa Nação, com geral assombro, tem já conquis-

tado o credito militar, de que os inimigos do Genero Humano com tanta vileza e perfidia tentárão espolialla.

Já a Europa tem visto em tres campanhas o que podem os Portuguezes, quando resuscitão os brios de avós, para revindicarem a Independencia do Throno de seus Principes Naturaes. Felizmente reproduzio-se a brilhante scena da famosa epocha da nossa historia, tão bem pintada pelo pincel de Camões (*), em que a Gente Lusitana mostrou que não sabe faltar á si propria, quando a Segurança e Honra Nacional o reclama. Cada genuino patriota, testemunha das indignidades francezas, ostentou a virtude do nosso antigo Capitão Nuno Alvares, na restauração do Reino contra o perfido invasor.

Em benigna estrella Sua Magestade Britannica deo o Commando do seu Exercito, que enviou á defeza de Portugal, ao insigne Lord *Wellington*, por quem hoje Portugal triumpha, Inglaterra se gloria, França se envergonha, e a Europa se esperança.

Sua Alteza Real, com profunda politica, Mandou em o seu memoravel Decreto pôr á disposição daquelle Heroe da India as Forças Nacionaes, com a illimitada confiança com que o Senado de Roma

(*) Das gentes populares huns approvão
A guerra com que a Patria se sustinha:
Outros armas alimpão e renovão
Que a ferrugem da paz gastadas tinha.

Lus. IV.

tambem por igual decreto (*) salvou o Estado do captiveiro africano, entregando ao mais acreditado Ca-

(*) Para se formar idéa clara do merito do nosso General Inglez, as pessoas de erudição classica comparem as suas operações militares com as descriptas pelo Historiador Tito Livio no Liv. 22, do Cap. 11 em diante, quando caracteriza a sabedoria e virtude do Dictador Fabio Maximo, cuja memoria ficou consagrada nos Annaes Romanos. Aqui só apontarei as seguintes passagens = Decretum, ut ab Consule Fabius Dictator exercitum acciperet: scriberet præterea ex civibus sociis que quantum equitum ac peditum videretur: *cætera omnia ageret faceret que, ut e republica duceret.* Fabius edixit, *quibus oppida, castella que immunita essent, ut in loca tuta commigrarent; ex agris quoque de migrarent omnes regiones ejus, qua iturus Annibal esset, tectis prius incensis, ac frugibus corruptis, ne cujus rei hosti copia esset* . . . Itineribus summâ curâ exploratis, ad hostem ducit; nullo loco, nisi quantum necessitas cögeret, fortunæ se commissurus. . . . Pœnus tacita cura animum incensus, quod cum duce haudquaquam Flaminio Sempronio que simili futura sibi res esset, ac tum demum malis Romani edocti parem Annibalem ducem quæsissent. Et prudentiam quidem, non vim dictatoris, extemplo timuit; constantiam haud dum expertus, agitare ac tentare animum, movendo crebro castra, populando que in oculis ejus agros sociorum, cœpit . . . Fabius per loca alta agmen ducebat, modico ab hoste intervallo, ut neque omitteret eum, neque congrederetur; nec universo periculo summa rerum comittebatur; et parva momenta levium certaminum ex tuto cœptorum finitimo receptu, assuefaciebant territum pristinis cladibus militem, minus jam tandem aut virtutis aut fortunæ pœnitere suæ. Sed non Annibalem magis infestum tam sanis consiliis habebat, quam magistrum equitum, qui nihi aliud, quam quod impar imperio erat, moræ ad rempublicam præcipitandam habe-

pitão da idade as operações da guerra contra o formidavel Annibal. O exito correspondeo ao destino.

---

bat; ferox, rapidus que in consiliis, ac lingua inmodicus, primum inter paucos, dein propalam in vulgus, *pro cunctatore, segnem, pro cauto, timidum*, affigens vicina virtutibus vitia, compellabat, premendorum que superiorum arte (quæ pessima ars nimis prosperis multorum successibus crevit) se se extollebat. Annibal depopulatur agrum: irritat de industria ducem, si forte accensum tot indignitatibus, cladibusque sociorum, detraheret ad æquum certamen posset. . . . Nec is terror, cum omnia bello flagarent, fide socios dimovet, videlicet, quia justo et moderato regebantur imperio, nec abnuebant, quod *unicum vinculum fidei est, melioribus parere*. . . . Spectatum ne huc, inquit Mucius, ut rem fruendum oculis sociorum cædes, et incendia venimus? nec si nullius alterius nos, ne civium quidem horum, pudet? . . . *Fabius pariter in suos haud minus quam in hostes intentus*, prius ab illis invictum animum præstat; quaquam *probe scit non in castris modo suis, sed jam etiam Romæ, infamem suam cunctationem esse*, obstinatus tamen códem consiliorum tenore æstaris reliquum extraxit. . . . Fabius, medius inter hostium agmen urbemque Romam jugis ducebat, nec absistens, nec congrediens, ac prope precibus agens cum magistro equitum, ut plus consilio quam fortunæ confidat: ne nihil actum censeret extractà prope æstate per ludificationem hostis: medicos quoque plus interdum quiete, quam movendo atque agendo, proficere: haud parvam rem esse ab toties victore hoste vinci desisse, et ab continuis cladibus respirasse. . . . Si penes se summa imperii consiliique sit, propediem effecturum, ut *sciant homines bono imperatori haud magni fortunam momenti esse: mentem rationem que dominari: se in tempore, et sine ignominia, servasse exercitum, quam multa hominum occidisse a maiorem gloriam esse*. . . . Pœnus receptui cecinit; palam ferente Annibale se á Fabio victum. . . . = Espero

Igual prudencia e constancia; igual magnanimidade em desprezar rumores; igual energia em cohibir a intemperança dos espiritos mais zelosos que discretos; igual sabedoria e actividade em attacar o inimigo em occasião opportuna, não o temendo, mas bem avaliando a sua força, nada fiando da fortuna, e tudo do conselho; ora, como Fabio, a *nuvem negra nas montanhas*, ora, como Scipião, o *raio da guerra*; (*) tem segurado á esse Defensor do Reino mui illustre nome, e verdadeira gloria, entre os contemporaneos e vindouros. Bem se lhe póde applicar o elogio do Poeta de Augusto.

——— Si Pergama destrâ
Defendi possent, etiam hac defensa fuissent.

O Systema defensivo, tão habilmente adoptado, occasionou a fugida do astuto Massena, que invadira o Reino capitaneando immenso exercito, que adulatoriamente o appellidava *Anjo da Victoria*. Elle, blazonando de vir executar as ordens do Tyranno da França, de *arrojar os Inglezes ao mar*, parou na car-

---

que os Leitores discretos dem venia á citação longa, pela belleza do quadro comparativo. He obvia a razão porque a transcrevi no original.

(*) Já o Monitor da França de 15 de Fevereiro do corrente anno diz que parece incomprehensivel a tomada da Cidade Rodrigo por assalto do Exercito Anglo-Luso.

reira, tremendo diante das inexpugnaveis *Linhas de Torres de Vedras*, só fazendo abortivas ameaças de passar ao Alemtejo. Os que se jactavão de terem na Allemanha rôto as formidaveis Linhas da Floresta Negra, e feito tantas proezas em outros lugares, defendidos por natureza e arte, alli ficarão estacionarios, e estuporados, não ousando, por mezes, fazer a menor tentativa de atacar hum só ponto das nossas Fortificações; e por fim se exterminarão além das fronteiras do Reino, mal batendo-se em retirada, com muita perda de gente, e ainda mais de credito. Tal prodigio he ora de espanto ao mundo, que se compraz de ver humilhada a luciferina soberba do Despota do Continente.

Que tem elle feito desde que as Tropas Anglo-Lusas lhe fizerão frente na *Cabeça da Europa* (*), arrostando impavidos a *furia franceza*, e afugentando exercitos sobre exercitos, sem que os seus presumidos *invenciveis*, dando as costas, se sostivessem em hum só posto, vangloriando-se aliás de engenheiros *non plus ultra*, e de terem mappeado á palmos o inteiro terreno? Tal foi o desbarato do plano da invasão, que os desalmados, concentrando as suas tropas em Santarem, não destacarão forças algumas para assaltar as outras provincias, e se contentarão em fazer guerra de barbaros na provincia invadida

(*) Expressão de Camões Lus. III. 17.

pela desgraçada explosão da praça de Almeida, assolando o paiz que pizavão; consistindo as suas façanhas em assassinar camponezes, crianças, e mulheres, violar os sepuchros, espavorir a innocentes com mil horribilidades, sobre demolir estabelecimentos, incendiar veneraveis monumentos da antiguidade, talar fruriferos campos, e devorar florentes searas.

Tão notorios factos tem revelado ao Universo o mysterio, que as victorias dos Francezes, com que tanto se assoberbão, forão só o effeito de illusões jacobinicas, tactica de traição, e machiavellismo atheistico, que, sem remorso, sacrifica milhões de vidas, para conseguir deshumanos triumphos; entretanto que as Nações atacadas só se defendem, como diz Burke, *dentro do circulo da nossa moral.* (*)

(*) Os partidistas francezes ainda em Inglaterra tem dito, que os nossos maiores auxiliares forão o levantamento de Hespanha, a esterilidade do paiz, e a fome do inimigo. Mas os *sabem-tudo*, que se gabão de sobreexcederem a Cyros e Cesares, não ignoravão essas circunstancias; e por tanto devem confessar, que a nova invasão foi estupidez gallica, ou extravagancia jacobinica. A verdade he que mallograrão seus projectos, porque não tiverão traidores que cooperassem para a pertendida entrada na Capital. O Governo vigoroso tinha dado o golpe á tempo, e rompeo a ponte de communicação. Então o resultado foi infallivel, e com o favor divino o será sempre. Vindo poucos inimigos, serão batidos; vindo muitos, serão esfaimados. Em toda a verosemelhança, o Reino será inconquistavel, em quanto predominar o espirito publico, e tendo cem mil soldados de tropas regulares. Nem tantos inimigos podem subsistir ahi

A opinião de *invencibilidade*, industriosamente propagada, foi huma das principaes causas, porque a antiga Roma veio a ser Senhora do Mundo. Passava então em proverbio = *arma Romana inexpugnavel.* = Os Argyraspidas de Alexandre Magno tambem antes jactavão-se de immortaes: estultos o crerão, e e terra callou-se. Os enthusiastas, e cobardes ainda hoje concedem essa prerogativa á França, quando a contraria verdade salta aos olhos.

Onde está o valor dos Francezes, e a sua inculcada sciencia militar? Ha verdadeira coragem e pericia entrarem na Hespanha, e em Portugal myriades de salteadores sob mostrança d'amizade; apoderarem-se com a mais negra aleivosia das Praças, do Erario, e da Tropa, sem resistencia, desarmarem o povo leal, seduzirem os ambiciosos, e, á força de cabalas contra o Governo e povo Inglez, inflammarem os ciumes mercantis, arguindo-lhes desígnios de insaciavel ambição e interesse, com as mais atrozes calumnias, prevalecendo-se de factos anomalos de individuos, que nunca em sã politica, nem em. ver-

por consideravel tempo. Quanto mais devastarem os lugares que poderem invadir, tanto menos se poderáõ nelles manter. Quanto mais conquistas fizerem na Hespanha, antemural da Lusitania, tanto mais gente empregaráõ a guardallas, e menos poderáõ dispor para nos attacar, e nunca poderáõ destroir o animo da Nação indomavel, que ha de sempre sacudir o jugo. Tres vezes já entrarão e sahirão de Portugal com ignominia. Porque não será igual o exito de outras quasquer tentativas?

dade philosophica, caracterisarão as Nações, visto que em todas ha irregularidades? Assim praticarão sempre em todos os seculos e paizes o smais vis e intrigantes dos homens. Para dar-se cabo de particulares, e de reinos, he trivial estratagema fazer-se diffamação ainda dos mais intimos amigos, só assoalhando os seus defeitos, e não os prestimos. Então a victima solitaria cahe sem apoio, pelo abandono dos que tinhão o maior interesse em defendella. Bem se diz nas sagradas letras: *ay do só.*!

Que scena majestosa he ver surgir duas inclytas Nações, Portugueza e Hespanhola, do abysmo de infelicidade, achando-se oppressas no coração do paiz, e cercadas de todos os lados por implacaveis inimigos, e comtudo, unidas á Gram-Bretanha, terem já feito morder a poeira em tres annos mais francezes, do que mui poderosos Estados o poderão fazer em tão longo periodo decorrido desde a Revolução! Qual pois verosimelmente seria a sorte e fama desses Estados, se em tempo se tivessem dado as mãos, e não consentissem que os novos sarracenos manchassem a Peninsula?

Ha tudo a esperar de animos não degenerados pelo temor, e instruidos pela adversidade. Nada direi em abono da nossa Nação, cujo espirito guerreiro he attestado pelas quatro partes da Terra; e já no Parlamento da Gram-Bretanha as nossas tropas, regularmente organizadas, não só se caracterizão de entra-

rem em linha com as Inglezas, mas tambem deserem iguaes ás melhores do mundo.

Tambem a Nação Hespanhol não precisa que se particularizem os seus feitos. A Europa sabe, que a Infantaria de Hespanha não tinha parelha, quando o Monarcha da França Francisco I. perdeo a famosa batalha de Pavía, e cahio prizioneiro do Imperador Carlos V. Francezes espurios, que só esmagio a prostrados, não lhe arrancaráõ esses e outros tropheos, que agoirão final vingança contra a perfidia e crueldade Gallica. O Sangue de Tarragona bradará aos Ceos. Sendo bem mandados, espero que afinal prevaleça o voto do nosso pio Vate. (*)

O grande Caracter Moral, Politico, e Militar da Gram-Bretanha nunca melhor reluzio do que na presente epocha. A aleivosa Invasão Franceza em Portu- e Hespanha electrizou aquelle Paiz, de huma a outra extremidade, com sentimentos de horror, e indignação. Quasi todos os corações parecião saltar do peito, e as lingoas da boca, para vingar ta-

(*) Eisaqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda;
Em cujo Senhorio, e gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda.
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia,
Dos bellicosos peitos que em si cria.

Lus. III. 17.

manhos attentados contra a Lei das Nações, e Justiça universal. O Governo e Povo forão unisonos em votar auxilios, e remetter armamentos, thesouros, esquadras, e tropas, para os Estados opprimidos. Até o feroz Inimigo já não usa, nos seus Diplomas, de indecentes dicterios; mas ardendo em ira por ver desconcertados os seus projectos confessa, que *torrentes de sangue Inglez* se tem derramado na causa da Peninsula. Elle mesmo olha não só com respeito, mas tambem com acatamento, para o Principe da Nação Portugueza, que sustenta, com Auxilio do Omnipotente, e soccorro do Exercito Inglez, o proprio Throno, com o firme peito do antagonista do Dominador das Gallias, mostrando-se hum espectaculo digno de Deos, levantando a altiva cabeça, e sempre recto entre as ruinas publicas da Europa. (*)

A respeito do valor Britannico, só indicarei alguns factos historicos aos que menos de suas cousas sabem, para desvanecer o fatal erro, que tão devassamente tem grassado, e ainda acabrunha a imaginação de boa gente, que, accordando unanimente na superioridade das Forças Navaes da Gram-Bretanha, erradamente pensa, que esta se acha no tempo de Guilherme Conquistador, e attribue inferioridade ás suas

(*) Non video quid habeat in terris Jupiter pulchrius, quam ut aspectet Catonem, jam partibus non semel fractis, nihilhominus stantem, et inter publicas ruinas rectum. Seneca.

Tropas terrestres, em comparação dos Exercitos Francezes, e até nos querem tirar a esperança de final restauração com a sua ajuda. Já o nosso Camões notou a preeminencia dos Cavalleiros de Inglaterra.

„ Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
„ De força, esforço, e de animo mais forte (*)

A França não póde contestar os monumentos da sua propria historia, donde se mostra, que os Inglezes vencerão muitas vezes os Francezes em batalhas campaes, ainda sendo em menor numero, desembarcando aquelles frequentemente grandes Exercitos á sua vista, e nas suas vastas costas, e até penetrando ao interior do paiz.

Em 1346 Edwardo III. com pouco mais de trinta mil homens, derrotou nos campos de *Cressy* mais de cem mil Francezes, e matou-lhes ahi mais de trinta mil homens, além de mil e duzentos cavalleiros da flor da Nobreza da França, e varios Marechaes e Principes de sangue, e até tres Reis confederados que se acharão na batalha. Elle foi depois cercar *Calais*, cuja Cidade, para se remir de inteira ruina, se submetteo á mais miseravel capitulação, a qual se fez celebre pela generosidade com que o Vencedor perdoou a todos os habitantes, e ainda os seis principaes cidadãos, que se lhe havião offerecido á morte com o baraço no pescoço, como elle

(*) Lus. IV. 60.

exigira. O grande Historiador Inglez *Hume* expõe as portentosas circunstancias da pericia e valentia do Exercito Inglez nessa memoravel epocha, e o como, não só se desembaraçou de quasi insuperaveis difficuldades de rios, pontes, desfiladeiros, mas triumphou sobre a França. Elle nos transmittio a anecdota da heroicidade do filho do Rey, tendo apenas 15 annos, e poucos dias antes armado cavalleiro. O pai victorioso, quando vio os prodigios de valor que ostentou em tal idade, lançando-lhe os braços, exclamou = *es digno do imperio* =

Em 1356 o chamado *Principe Negro* tambem desfez completamente hum Exercito Francez, tres vezes maior que o seu.

Em 1415 Henrique V., só com doze mil Inglezes, não recusou pelejar com sessenta mil Francezes, e os desbaratou com immensa mortandade delles no grande dia de *Azincourt*.

Em 1513 Henrique VIII., apenas tendo hum Exercito de cincoenta mil homens, venceo muito superior Exercito Francez na famosa batalha das *Esporas*, em que os Inglezes destroirão quasi toda a cavalleria inimiga, ficando prizioneiros os celebres cavalleiros *Longueville*, e *Bayard*, com muitos outros dos mais distinctos Cabos do tempo. Aquelle Monarcha fez tremer toda a França, marchando até as portas de París, donde fugio inumeravel povo sem saber onde achasse segurança.

No reinado da Rainha Anna, os Inglezes tiverão na Europa grandes triumphos contra a França, que igualarão as victorias de *Cressy* e *Agincourt*. As armas Britannicas sempre se mostrarão superiores ás Francezas nas batalhas ganhadas por *Marlborough*.

Em 1745 o Duque de Cumberland com sessenta mil Inglezes sustentou-se em campo aberto contra o Marechal de Saxe, que commandava o mais bem disciplinado exercito Francez de mais de cem mil soldados, flanqueado de Artelharia, e Cavalleria muito superior. O mesmo Marechal, presenciando o heroismo dos Inglezes, e advertindo na garrulidade de alguns Francezes que affectavão igualdade de valor, disse = *calemo-nos sobre este ponto; conheçamos a nossa impotencia de os imitar.* =

Jorge II. ganhou a batalha de *Detingen*, continuando a reputação militar da Gram-Bretanha.

O Duque de Yorck, só com seis mil soldados Inglezes, e hum regimento de Austriacos, derrotou em *Landrecies* a vinte e nove mil francezes, destruindo-lhe cinco mil homens.

Se em guerra offensiva os Inglezes tem prevalecido aos Francezes em tão differentes epochas, ha razão de esperar, que ainda mais facilmente prevaleção na guerra defensiva, incorporados aos seus Alliados, e sendo aliás hoje o exercito francez hum enxurro de povos subjugados! A ostentada *Arte-poliocertica* dos Francezes, he cifra diante dos milagres de Fortificação dos Inglezes. Testemunhas Gibraltar, Cadiz, Lisboa.

Os Inglezes não degenerarão de seus antepassados, antes tem incomparavelmente crescido em luzes e espirito heroico. Já não estão em tempo de Cesar, e Agricola, que conquistarão a Gram-Bretanha, porque nada então se deliberava em commum entre as suas gentes fortissimas, como nos deixou escrito o insigne historiador Tacito. (*) Hoje tudo ahi he Conselho, e o Estado sempre se defenderá pela sua situação, e fama.

Ainda que o progresso do espirito mercantil em Inglaterra, exaltando o Commercio e Manufacturas á hum grão desconhecido em todas as Nações, antigas e modernas, dirigisse a intelligencia e coragem do povo, mais para as operações bellicas maritimas, do que para as terrestres; todavia alli o espirito marcial subsiste, como se manifesta principalmente nas suas proezas d'Asia, donde os Inglezes exterminarão os Francezes, apoderando-se de todos os seus Esta-

(*) Descrevendo o caracter militar dos Inglezes, já no seu tempo os punha em equação ao valor marcial dos Francezes, e ainda os representou mais valentes = Proximi Britanni Gallis, et similes sunt = in deposcendis periculis eadem audacia; plus tamen ferociæ Britanni præferunt: nec aliud adversus *validissimas gentes* pro nobis utilius, quam quod in commune non consulunt. = Recessus ipse, ac sinus famæ, in hunc diem defendit.
Vit. Agricol. Cap. 11. e 12.

belecimentos á força d'armas, não obstante as intrigas e allianças destes Mestres de enganos. Os mesmos Francezes, antes da revolução, estavão em credito militar na 4.ª linha, por geral opinião da Europa, dando-se o primeiro posto aos Prussianos, o segundo aos Austriacos, e o terceiro aos Moscovitas. As desordens revolucionarias, e o exercicio de tantos annos de matança (seu quasi unico e diabolico emprego, que não põe fim á cadaveres) os elevou acima do proprio nivel, especialmente pelo temor de tantas suas crueldades, e mais ainda pelo veneno de suas cabalas. E ainda assim elles tem perdido mui grandes batalhas, e só as tem podido renovar, porque infelizmente recrutão sobre quasi toda a Europa, pela triste desintelligencia, e má fortuna de tantos Estados, que se submetterão aos Regicidas, e lhes deixarão estabelecer tão grande Poder.

A sciencia Millitar já em nenhum paiz he mysteriosa. Alexandre, Scipião, e Lucullo, com pouco mais de 20 annos se mostrarão Generaes da primeira ordem, só com a lição dos livros, e forão vencedores logo que vierão á campo. Outros exemplos ha na historia moderna, ainda depois da invenção d'artelharia. Porque Portugal e Inglaterra, não acharáõ ou criaráõ em seu seio iguaes Mestres da guerra?

Os que em estupida idolatria attribuem aos Francezes singular talento para a guerra, e privilegio

exclusivo de commandar, e vencer, como se fossem anjos exterminadores cahidos do Ceo, e suppõe que os seus Generaes de maior credito são entes d'outra especie, que tem *genio de Marte*, e certo pertendido *golpe d'olho militar*, como hum sexto sentido, e o que chamão *sangue frio*, para ordenar batalhas, são, no meu entender, ainda mais impios que fatuos. Parece impiedade dizer que o Author da Natureza désse em dote á homem algum o talento de destruir no menor tempo dado o maior numero de homens possivel (em que consiste a tactica Franceza): mas só deo á todos o instincto do resentimento, e innato esforço para resistir ao aggressor. Natural viveza do espirito, acompanhada de experiencia, instrucção, e familiaridade dos perigos desde a tenra idade, podem muito distinguir aos que se derão á profissão das armas, como nas mais profissões, que exigem entendimento comprehensivo, e estudos profundos. A fortaleza d'animo em acções militares he evidentemente huma qualidade adquirida com o tempo, trabalho, e exemplo. Até o valor de soldado he facticio, e frequentemente se mostra heroico, sem aliás ter cultura do espirito, e nem o ponto de honra, que tanto estimula a intrepidez dos seus superiores. Elle he o effeito da diciplina severa, repetição de ataques felizes, e ainda de calculo trivial da vida. (*)

(*) Sendo perguntado hum soldado, porque era tão

Não contesto que hum grande General deva ter celeridade de engenho, e presteza de vista, para bem castramentar hum exercito, dirigir as evoluções militares da campanha, e no dia da peleja prever ao longe, e prevenir as desordens e derrotas, e como diz o nosso Camões = *Voar c'o pensamento a toda a parte* = Mas estou na opinião do mais eminente Escriptor deste seculo, que analysou melhor a constituição do espirito humano, o qual justamente impugna a contraria opinião vulgar, posto que sustentada por *Guibert* nos seus *Ensaios sobre a Tactica*, onde affirma, que o talento de hum General só póde ser aperfeiçoado, mas não adquirido pela pratica, por ser huma *faculdade intuitiva*, e *dom da Natureza*, a qual o liberaliza á poucos seus favorecidos em hum seculo. Elle contrapõe a authoridade não menos respeitavel, de outro, ainda que mais antigo, Mestre d'Arte, o celebre Mr. *Folard* (*) que sus-

afoito no dia da batalha, respondeo = porque se dava por morto na primeira descarga, e pelejava depois tendo por ganho qualquer parte do corpo que por ultimo ficasse salva; o pezo da columna faz o resto. =

(*) Este insigne Tactico assim se explica no seu *coup d'œil militaire.* = C'est le sentiment général, que le *coup d'œil* ne dépend pas de nous, que c'est un présent de la nature, que les campagnes ne le donnent point, et qu'en un mot il faut l'apporter en naissant, sans quoi les yeux du monde le plus perçans ne voyent goute et marchent dans les tenebres les plus épaisses. On se trompe; nous avons tous le *coup d'œil* selon la portion d'esprit et du

tenta o contrario, e o confirma com o exemplo de hum dos mais famosos Capitães da antiguidade, Philopémen. Este General não só desde os primeiros annos se applicou á milicia, e á seus continuos estudos e

bon sens qu'il a plu à la providence de nous départir. Il nait de un et de l'autre; mais l'aquis l'affine et le perfectione, et l'experience nous l'assure — Philopœmen avoit un *coup d'œil* admirable. On ne doit pas le consider en lui comme un présent de la nature; mais comme le fruit de l'étude, de l'application, et de son extreme passion pour la guerre. Plutarque nous apprend la méthode dont il se servit pour voir de tout autres yeux que de ceux des autres pour la conduite des armées &c.

„ Erat autem Philopœmen præcipue in ducendo agmi-
„ ne, locisque capiendis, solertiæ atque usus; nec belli
„ tantum temporibus, sed etiam in pace, ad id maxi-
„ me animum exercuerat. Ubi iter quopiam faceret, et
„ ad difficilem transitu saltum venisset, contemplatus ab
„ omni parte loci naturam, quum solus erat, secum ipse
„ agitabat animo; quum comites haberet, ab iis quære-
„ bat, si hostis eo loco apparuisset, quid si a fronte,
„ quid si ab latere hoc aut illo, quid si a tergo adoriretur,
„ capiendum consilii foret? Posse instructos recta acie, pos-
„ se inconditum agmen, et tantum modo aptum viæ, oc-
„ currere. Quem locum ipse capturus esset, cogitando aut
„ quærendo, exsequebatur; aut quot armatis, aut quo
„ genere armorum usurus: quo impedimenta, quo sarcinas,
„ quo turbam inermem rejiceret: quanto ea aut quali præ-
„ sidia custodiret; et utrum pergere quà cœpisset ire via,
„ an eà quà venisset repetere melius esset: castris quo-
„ que quem locum caperet, quantum munimento ample-
„ cteretur loci, quà opportuna aquatio, quà pabuli ligno-
„ rumque copia esset; quà postero die castra movendi
„ tutum maxime iter, quæ forma agminis foret. . . . His
„ curis cogitationibusque ita ab ineunte ætate animum
„ agitaverat, ut nulla ei nova in tali re cogitatio esset.

exercicios, mas até em tempo de paz costumava passar pelos lugares mais difficeis ás operações militares, supponda varias posições do inimigo, e consultando aos companheiros sobre os melhores expedientes de accommetter, ou resistir, &c.

Conhecimento e coragem não falta aos Portuguezes, e Inglezes; o mais fará a disciplina regular, alguma pratica de campanha viva, e sobre tudo a consciencia de sua superioridade ao inimigo em sentimentos moraes, amor do Governo, e gloria da caüsa que deffendem. Bem podem dizer como Pedro grande da Russia, ainda quando se reconhecia inferior em Tactica ao seu Antagonista Carlos XII. da Suecia = *o inimigo nos ensinará a vencer.* =

Por mais algum tempo que continue a guerra, (que somos forçados sustentar pela violencia dos invasores) he provavel que, assim como os Inglezes em poucos annos vencerão os Francezes em todas as principaes artes da paz, tambem os vencerão na sciencia e arte Militar. Grandes amostras do quanto ha nisso que esperar, são os desembarques que fizerão com pequeno exercito no Egypto. na Sicilia, e em Portugal, onde os Francezes se ahavão entrincheirados até os dentes, e Senhores das praças e fortificações de terra e mar. Todo o mundo sabe de seus destroços, e das ignominiosas Capitulações que offertarão, propondo elles mesmos o proprio exterminio. Ainda as expedições militares do

Continente da Europa, que os Inglezes tem feito desde a revolução da França com varios successos, tem servido de poderosas diversões das forças do inimigo, e occasionarão victorias dos Alliados da Gram-Bretanha, como especialmente foi o desembarque do Duque de York na Hollanda, que motivou forte attracção de tropas francezas á este paiz, e em consequencia a derrota completa do exercito do General Francez Joubert na grande batalha de *Novi* na Italia, que então se reconquistou inteiramente pelos Exercitos Austro-Russos.

Accresce que o Governo Inglez já tem feito huma incommensuravel, e a mais difficil, conquista, qual he a da *Opinião Publica.* Elle tem feito manifesto ao Mundo a enormidade do Governo Revolucionario e Tyrannico, fazendo detestar (no geral) a Francezes, como convencidos de odio ao Genero Humano. Elle tem desvanecido a falsa preoccupação, que a Facção dos revolucionarios tinha propagado arguindo-lhe monstruosos projectos; pois a Europa já está sobejamente convencida por sua miseravel experiencia, que o *Systema de Commercio* da Gram-Bretanha, ainda que não perfeitamente liberal (pelos erros inveterados de todos os Paizes, em razão de falta de estudos mais communs dos verdadeiros principios de Economia politica, por estar esta sciencia ainda na infancia) he todavia, pela sua extensão, benefico á todas as Nações; e que o novo phantastico *Systema do Continente*,

dirigido a excluir os productos da industria Ingleza dos mercados da Europa, só he productivo de universal pobreza, de ruina da industria, e de aniquilação da navegação dos Estados Maritimos, com todas as sciencias e artes que lhe são companheiras; o que tem amplificado á Gram-Bretanha o Imperio do Oceano. Quanto mais rigoroso e duravel for o Interdicto do Commercio do Tyranno da Europa, tanto mais rapidamente diminuirão os meios do Continente de crescer em Marinha, e obstar á preponderancia de Inglaterra, que já tem quasi todas as Ilhas, que os Francezes chamão as *Chaves do Atlantico.* Esta falsa politica do Inimigo commum tem produzido outro favoravel effeito de reunir em intima Alliança com a Gram-Bretanha as Nações que tem os maiores Estados Ultramarinos, como systema racionavel e necessario, para libertar os tres quartos do Globo de malfeitorias francezas.

Desde a revolução da França, os que usurparão o poder do Paiz, tem feito a Inglaterra ameaças, como Roma á Carthago, considerando os Francezes, os Romanos presentes, e os Inglezes, os Carthaginezes modernos. Mas a França e a Gram-Bretanha são antes contraste, que parallelo, a respeito de Roma e Carthago. Os Carthaginezes não cultivavão as letras, e tinhão a barbaridade dos sacrificios humanos, ainda que aliás se regessem por huma constituição das melhores da antiguidade, (segundo o juizo de Aristoteles

no seu Livro da Politica) Que comparação pois ha de Carthago com a Gram-Bretanha, a séde das Artes, e Sciencias, é cuja Constituição contém elementos de progressiva melhora de todo o bem possivel á nossa especie? Os Carthaginezes forão o povo antigo mais dado ao commercio, navegação, e estabelecimento de Colonias; mas forão sempre notados com a infamia da *fé punica.* Ao contrario os Inglezes são hoje famosos pela *potencia de credito*, com que até realizarão a alkimia de dar ao seu *papel circulante* hum valor ao par, e ainda superior, da moeda de oiro do mais fino quilate. Isto não podia ser senão o effeito da boa fé mercantil predominante em seus tratos, e da immensidade de correspondencia com os povos civilisados, que florecem em suas transacções reciprocas. Dahi lhes tem resultado a prodigiosa Marinha e Opulencia, que deslumbra os olhos da França, e lhe perturba os sentidos, para não poder atinar com os meios de ferir em parte alguma vital a Gram-Bretanha. Seis Náos de Linha hoje bastarião para destroir em hum dia todas as Armadas da antiga Roma e Carthago. Os Inglezes já por tres vezes tem quasi aniquilado a Marinha Franceza desde o tempo de Luiz XIV.; como não destruirá os fracos restos e inuteis esforços da Marinha de huma Nação sem commercio exterior?

Se he possivel algum grande phenomeno moral na Europa em consequencia da obstinada rivalidade de Inglezes e Francezes, he mais natural que Inglaterra

em fim dê a Lei á França, até na sua que Burke chama *capital da injustiça*, do que a França conquiste a Inglaterra. Advirtão os Leitores que da Peninsula da Italia he que sahio Scipião a senhorear-se do Continente opposto. Porque não sahirá outro igual Heroe á contraria costa da França a pôr ordem nella, contendo o seu governo em justos limites? He natural e irresistivel o imperio da Intelligencia sobre o da Phantasia. A França já confessou o seu erro de ter enganado o mundo com a sua falsa doutrina, e infernal revolução. He contra a natureza ser senhora da Europa a Nação, que, pertendendo ser Mestra da Humanidade, até destroio para sempre a sua propria fama, e civil existencia. Os que notarem de phantastica esta asserção, leião as seguintes reflexões de hum Escriptor Francez deste seculo. (*)

„ A Inglaterra tem preenchido todo o seu destino: nenhum povo jámais reunio no mesmo gráo os elementos da potencia maritima, o genio que os vivifica, e arte que os dirige. Os Inglezes não tem rivaes no mar. . . . A Inglaterra, com huma população ametade menos da França, mas com huma Marinha infinitamente superior, por fim a lançou fóra de todas as suas Colonias, invadio, abateo, e aniquilou os seus Navios, e as suas fortalezas, que fazião a segurança e gloria da mesma França. A

(*) Mr. *Pradt* Les trois ages des Colonies. tom.II. pag.151

Marinha Ingleza destroio todo o brilhante edificio da preeminencia das suas forças na India, e confirmou o poder da Metropole Ingleza. Taes tem sido, e taes serão sempre, os resultados da superioridade naval: ellas, devem, em final resultado, prevalecer á todo o resto. . . . A' esta vantagem fundamental os Inglezes accrescentão muitas outras; 1.ª a abundancia de seus capitaes, 2.ª o genio mercantil; 3.ª a superioridade em fabricas. Os Inglezes tem a arte de centuplicar o valor do algodão que comprão na Asia, America, e Africa. Nas suas mãos industriosas, aquelle material toma formas encantadoras, e a reveste das mais risonhas cores. Os Inglezes, adiantando-se ainda á deosa de pés ligeiros que se chama a *moda*, correm adiante de todos os seus gostos. As fabricas de algódão de Inglaterra tem triumphado sobre as de seda da França. Manchester venceo a Leão. Donde vem tantas fazendas, que, de huma á outra extremidade da Europa, ornão as nossas casas, e convidão o comprador pelo seu mimo e brilho, ornando todas as idades, condições, e sexos? Por toda a parte não se veste mais senão á *Ingleza*, e não se quer mais senão o que he *Inglez*. A superioridade de qualidade e gosto tem formado em todos os paizes hum habito de predileção ás manufacturas Inglezas. . . .

„ A superiodade naval de Inglaterra fórma ainda para as suas Colonias hum novo laço com a Metropole, e constitue a garantia, não só dos gozos dellas,

mas tambem de sua paz perpetua. As Esquadras de Inglaterra as protegem. A' sombra de sua bandeira, Senhora dos máres, o habitador das Colonias Inglezas cultiva e dorme tranquillamente; entretanto que os das outras Colonias gemem nas suas prizões, vendo inutilizarem-se os fructos do seu trabalho. Esta vantagem he immensa, e vem a completar tudo que se póde desejar em huma boa ordem Colonial.

„ Estava reservada á revolução da França enriquecer a Inglaterra arruinando todo o mundo, e trabalhar para cumulo da fortuna desta Potencia, destruindo todas as outras. A' cada conquista do Continente, os Inglezes oppozerão huma conquista de Colonia: mas entre estas duas especies de Conquistas ha a mesma differença, que entre os dous Conquistadores, e os dous theatros de suas façanhas. Porque as dos Francezes são periveis por sua natureza; e as dos Inglezes não o são. A razão está na differença da potencia respectiva, e do elemento sobre o qual ella se exerce. Os meios de huma e outra são de natureza absolutamente differente. Por bons que sejão os exercitos da França, podem-se-lhes oppôr exercitos iguaes, ou superiores em instrucção, e numero. Concebe-se mui bem a possibilidade de tal opposição; mas não se concebe como se possão oppôr quaesquer esquadras ás esquadras de Inglaterra; pois não se póde dissimular, que todas as Marinhas da Europa, separadas ou reunidas, não equivalem á sua. . .

Ainda que em outro tempo se visse a Marinha Ingleza desenvolver huma grande superioridade contra seus inimigos, comtudo, nunca manifestou, como depois da revolução, hum ascendente tão decidido, e huma potencia tão preponderante, abarcando ao mesmo tempo com seus mil braços todas as costas da Europa, e de suas Colonias, e interpôr-se, como hum muro de bronze immovel sobre os mares, entre todas as Metropoles e as respectivas possessões ultramarinas, prohibindo toda a communicação entre ellas. Era necessario que as cousas se levassem á este grão, para se poder fazer huma verdadeira idéa da potencia naval de Inglaterra. „

Poder-se-hia tomar isto como paradoxo, ou lisonja á Inglaterra: mas peço que se queira attender; que os elementos da sua força não são sómente materiaes, mas que resultão de huma multidão de disposições moraes, cuja reunião dá á força physica todo o seu desenvolvimento. . . . He provavel que, se a quimera da confederação de todas as Marinhas da Europa se effeituasse contra Inglaterra, ella não serviria senão a convencer ainda mais a sua superioridade, e elevar á gloria nacional hum monumento ainda desconhecido ao mundo. . . . Eis ao que evidentemente conduz a prolongação da guerra. „

Este Escriptor, publicando taes factos e discursos á vista do seu novo Governo, ainda mais accrescentaria, se houvesse franqueza de Imprensa na Fran-

ça, depois das victorias dos Inglezes em Trafalgar, e Copenhague, e muito mais hoje depois das conquistas do Cabo da Boa Esperança, e de todas as Colonias e Ilhas de França, e Hollanda, pelas Forças maritimas e terrestres de Inglaterra.

Que razáo pois ha de recear-se invasáo franceza na Gram-Bretanha, náo obstante a absurda Farça Diplomatica, com que o Tyranno da Europa faz as suas reiteradas comminatorias contra o Governo e Povo Inglez, e contra os seus Alliados? Já o seu intitulado *bello espirito* motejava aos que pertendiáo avançar ao Templo da Memoria, voltando-lhe as costas, e correndo em rumo contrario. Só cabeças ôcas e vertiginosas podem presumir ser possivel ter a França grande Marinha sem grande Commercio, e ter grande commercio, fechando os portos do Continente ao mais navegante e commerciante Povo da terra, e continuando o seu systema militar, com a malfeitoria de se vingar contra os proprios amigos e pacificos Estados da Europa, pela impotencia de impedir o credito, e progresso da riqueza e gloria de Inglaterra, cujas Forças Navaes são adequadas a fechar a Francezes, e a seus Confederados, nos respectivos portos, deixando-os ser voluntariamente miseraveis, e ufanos de sua Economia Egypciaca, com que sustentáo o Imperio do Assollador das Nações. Qualquer Inglez e Portuguez poderá dizer com o Poeta de Augusto

——————Ille se jactet in aulâ,
.... et clauso ventorum carcere regnet.

Huma cousa he digna de notar-se, que o valor das Nações dadas á navegação rem sido em todos os tempos prodigioso, e incomparavelmente superior ao dos povos, aliás guerreiros, que só se distinguem em forças terrestres. A nossa propria historia fornece disso a prova. O sublime espectaculo do Oceano, o habito de desprezo dos perigos maritimos, e o heroismo com que se animáo os navegantes a arrostar as tempestades, e correr todo o mundo, dáo-lhe corações inacessiveis ao medo, e fortificados com sentimentos da maior elevação. Assim nós unidos aos Inglezes, confiando sobre tudo na Protecção Divina, mostraremos ao Universo, que não nos acobardamos á quaesquer inimigos, e que nunca desesperaremos da fortuna do Estado. A Energia do Nacional, a cooperação de nossos Alllados, as poderosas confederações politicas contra a França (que he impossivel não se renovem) a inconstancia franceza, a longa paciencia da sua escravidão, e mil outros accidentes imprevistos (*), provavelmente hão de, em mais proxi-

(*) *Gibbon* reflecte bem sobre as subitas mudanças do estado das Nações perseguidas por conquistadores, referindo o facto da apoplexia que sobreveio ao terrivel Gengiskan, estando quasi senhor de toda Asia, depois de dar ordem para a sua expedição á China.

ma ou distante epocha, libertar a Europa, e a Humanidade, da crueldade da Nação devastadora, e talvez reduzilla ao *paiz dos insignificantes*, como succedeo depois da desmembração do Imperio de Carlos Magno. O nosso exemplo heroico não será perdido para os mais Estados, que soffrem impacientemente o jugo francez. Por formidavel que seja, e nunca visto na Europa, o Poder militar da França, como o não póde mandar todo tão longe do foco do imperio, a nossa força combinada he sufficiente para debellar o inimigo. Elle se enfraquece á proporção que se dilata. Temos visto como só a respeitosa attitude da Russia em sustentar a sua independencia contra os caprichos do que affecta omnipotencia, tem paralysado todos os seus planos. A Peninsula tem mostrado ao Universo, que o Imperador dos Francezes já precisa conquistar linha á linha para avançar em qualquer provincia, e que não se póde vangloriar, como na guerra d'Austria, de servir-se mais dos pés que dos braços de seus soldados. Em vão espera subjugar por atrophia e inanição os paizes que invade.

Os Inglezes estão sempre alerta contra as machinações dos idolatras da Tyrannia Gallica; e o seu Governo obra insensivelmente com a intelligencia e energia de Archimedes, o qual, como diz Plutarcho, no cerco de Syracusa sua patria, n'hum instante derribava todos os artefactos militares dos Romanos, construidos com muito tempo e trabalho. He attendivel a

observação de *Stewart*. (*) = „ O Oceano nos apresenta a idéa do poder. A sua vista levanta os „ nossos pensamentos ao Ente Eterno, que deo o „ Decreto aos mares para não traspassarem a sua „ Ordem, e nos mostra o mais altivo triumpho do „ Homem em completar a tarefa que lhe foi assignada, de dominar a terra. A perspectiva do mar „ desperta em cada Inglez, não só associações de „ grandes idéas que são communs aos habitantes de „ paizes maritimos, mas tambem outros mui sublimes „ conceitos que lhe são privativos. Taes são os que „ exaltão o commercio naval, o poder naval, e a „ gloria naval de Inglaterra, e dão ás suas numerosas e triumphantes Esquadras a faculdade de levar „ o trovão Britannico sobre o mundo. „

Do exposto exuberante se patentea a importancia da Amizade do Governo Inglez, que não só tem o maior interesse na independencia da Coroa de Portugal, e na prosperidade de todas as partes integrantes da Monarchia, para desfazer os projectos do Destroidor da Civilisação, e se reciprocarem as progressivas vantagens do Commercio; mas tambem põe a sua gloria em guardar, com immovel firmeza, o Principio Politico de nunca ceder á qualquer Facção Franceza, e levantado Dynasta, que ouse atacar os constantes Alliados da Monarchia Britannica, que, segundo

(*) Philosophical Essays II. Cap. 3.

diz Burke ,, sabe ser grande sem pôr em perigo a paz externa dos Estados vizinhos, que, tinhão sido felizes á sua sombra, depois que pelo Tratado de Riswik, limitou o poder da França, e consolidou a Grande Aliança, que abalou até os alicerces o tremendo Colosso Gallico. ,, Infaustos successos tem mostrado a desgraça e ignominia, em que tem cahido os Estados, que por força, cabala, ou apostasia, desertarão daquella Alliança, e preferirão o odio, ou desamor (*) de Inglaterra, submettendo-se á dominação ou influencia da *Coroa de ferro* do Archi-regicida da Europa.

Ao contrario a nossa inalteravel união aos destinos da Gram-Bretanha nos tem feito levantar a cabeça no theatro da guerra, em que está empenhada a Honra Nacional. Fausto agoiro de feliz exito resulta do Majestoso Testemunho com que o Principe Regente do Reino Unido na Falla do Throno de 7 de Janeiro do Corrente anno Acclama o Valor Portuguez, Affirmendo, com equação a mais honorifica, que *as Tropas Britannicas e Lusitanas, todas as vezes que pelejarão com o inimigo, mantiverão plenamente a reputação que tinhão adquirido.*

(*) O nosso Orador Vieira, huma das primeiras cabeças politicas no tempo da restauração do Reino pela Augusta Casa de Bragança, fazia nessa epocha a seguinte nota: = Desgraça grande he, e parece fatalidade, que nos não dê cuidado nem o desamor de Inglaterra, nem os intentos da França &c. Tom. 2. Cart. 70.

Contra as *gentes duvidosas* (conforme a phrase do nosso Epico (*)) só convém replicar com a indignação, que o nosso antigo General em crise semelhante inspirou aos bons patriotas, para resistirem ao invasor do Throno, e defenderem os Direitos do Legitimo Principe da Nação.

Como? Da Gentre illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? Desta Provincia que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira vêr sujeito?

CONCLUSÃO APOLOGETICA.

Seja-me licito dizer huma palavra em minha Apologia, seguindo o exemplo de Burke nas reflexões que fez no fim da sua Obra contra os que aconselhavão paz com a Facção Franceza, essencialmente revolucionaria, qualquer que seja a fórma do seu governo. Aos que notoriamente me tem arguido de nimia parcialidade áquelle Escriptor, e ás suas doutrinas contra essa detestavel Facção, que, com a maior injustiça e deshumanidade, nos tem feito a guerra,

(*) Lus. 4.

para subversão da Monarchia Lusitana, respondo, que estou firme sempre nos grandes e generosos sentimentos politicos, que são de evidente Interesse Nacional, e que constituião as bem sabidas Maximas de Estado dos nossos Magnificos Soberanos os Senhores D. João V. e D. José de gloriosa memoria. Aquelle, vendo abrazar a Europa em hostilidades, dizia = Guerra com todo o mundo, paz com Inglaterra. = Este, sendo ameaçado pelas reunidas Potencias da França e Hespanha que pertendião tirar á Corôa Portugueza a singular primazia de terem os seus Legitimos Monarchas o titulo de *Magestade Fidelissima*, aconselhado que trahisse a fé dos Tratados, e abandonasse a Amizade e Alliança Hereditaria da Corôa e Nação Britannica, pronunciou em *Ultimatum* das insidiosas Negociações Diplomaticas, que = Veria antes cahír a ultima telha do seu Real Paço, do que deixar de ser o Constante e Fiel Amigo do Throno e Povo Inglez. =

FIM.

ERRATAS DO APPENDICE.

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emenda.*
1	19	e fait	et fait
7	20	Estados	estados
9	16	indenticos	identicas
12	7	pessoas	pessoa
16	5	Republlica	republica
17	14	esiabelecido	estabelecido
21	13	destrâ	dextra
24	7	e e terra	e a terra
25	3	o smais	os mais
27	27	fructis, nihilhominus	fractis nihilominus
36	24	ahavão	achavão
39	5	espe ie	especie
45	4	rem	tem

PENSAMENTOS
SOBRE
A PROPOSTA DE PAZ
ENTRE
INGLATERRA E FRANÇA, QUE BURKE INTITULOU *PAZ REGICIDA*
EM 1796.

OS desgraçados successos, que se tem seguido huns após d'outros, em longo e não interrompido trém funeral, movendo-se em procissão, que parece não ter fim, não são as principaes causas do nosso descorçoamento. Mais devemos temer o que nos ameaça no interior da Nação, do que os desastres exteriores, que se receão nos hajão de opprimir. A' hum povo, que chegou a ser altivo e grande, e grande porque he altivo, a mudança no espirito nacional, he a mais terrivel de todas as revoluções.

Já não vivirei para ver o desenvolvimento da intrincada conspiração, que faz escuro, e perplexo o pavorozo drama, que agora se está

reprezentando no theatro moral do mundo. Estou no fim da minha carreira para pensamento, e acção. Em que parte da sua orbita a Nação actualmente se mova, não he facil conjecturar. Talvez tenha chegado ao seu *aphelion* (*).

Sem nos perdermos no infinito vacuo do mundo conjectural, póde-se dizer, que os nossos negocios irãõ a peior, ou melhor, conforme a sabedoria ou fraqueza dos nossos planos.

Em todas as especulações sobre homens, e negocios humanos, he de não pequeno momento distinguir as cousas de accidente das suas causas constantes, e dos effeitos, que não pódem ser alterados. Alguma irregularidade em os nossos movimentos não he total desvio da nossa carreira. Não sou do espirito desses especuladores, que parecem estar seguros, que necessariamente, e pela constituição das cousas, todos os Estados tem os mesmos periodos de infancia, adolescencia, e velhice, que se achão nos individuos, que os compõe. Parallelos desta sorte apenas fornecem semelhanças para illus-

(*) Na Astronomia se chama *aphelion* o ponto mais remoto do Sol, á que chega a terra na sua orbita.

trar, e ornar conjecturas, mas não para nos supprir com argumentos de solido raciocinio. Os objectos, que se tem tentado forçar em analogia, não se achão nas mesmas classes de existencia. Os individuos são entes physicos, sujeitos ás Leis universaes, e invariaveis. A immediata causa, que obra por estas Leis póde ser escura, mas os resultados geraes são objectos de calculo certo. As Nações porém não são entes physicos, mas essencias moraes. Ellas são combinações artificiaes; e, na sua proxima efficiente causa, vem a ser as arbitrarias producções do espirito humano. Não estamos ainda instruidos das Leis, que necessariamente influem na estabilidade deste genero de obra, feita por esta especie de agente. Não ha na Ordem physica huma causa pela qual algumas destas fabricas hajão de necessariamente brotar, florecer, e decahir. Duvido se a historia do Genero Humano he, ou jámais foi, assás completa, para dar fundamentos á huma theoria segura sobre as causas internas, que necessariamente alterão a fortuna dos Estados. Estou longe de negar a operação destas causas; porém ellas são infinitamente mais incertas, e muito mais escuras, e difficeis de se investigarem, do que as

causas externas, que tendem a levantar, depri-
mir, e ás vezes subverter a huma Nação.

He muitas vezes impossivel nestas investi-
gações politicas achar alguma proporção entre
a força apparente de algumas causas moraes,
que possamos assignar, e a sua conhecida opc-
ração. Somos pois obrigados a attribuir a sua
operação ao mero acaso, ou, fallando mais pie-
dozamente (talvez mais racionavelmente) á in-
tervenção, e irresistivel mão do *Grande Regen-
te*, que dispõe de todas as cousas. Temos visto
Estados que durárão por seculos quasi estacio-
narios, sem fluxo, nem refluxo de prosperidade.
Alguns parecerão exhaurir o seu vigor logo
no seu começo. Varios brilharão em gloria pou-
co antes da sua extinção. O meridiano de al-
guns tem sido o mais esplendido. Outros, em
maior numero, tem fluctuado, e experimenta-
do, em differentes periodos de sua existencia,
grande variedade de fortuna. No mesmo mo-
mento em que alguns parecião submergir-se em
insondaveis abysmos de desgraça, tem de su-
bito exaltado a cabeça sobre o pelago do infor-
tunio, e principiando nova carreira, parecem
abrir nova conta, e, ainda nas ultimas ruinas
de seu paiz, tem posto os fundamentos de torrea-

da e duravel grandeza. Tudo isto tem aconte-
cido sem alguma apparente prévia mudança nas
geraes circunstancias, que occasionarão a sua
infelicidade. A morte de hum homem em con-
junctura critica, seu desgosto, sua retirada,
sua desgraça, tem feito sobrevir innumeraveis
calamidades á sua Nação (*). A'vezes hum sol-
dado razo tem de repente mudado a face da for-
tuna, e quasi da natureza.

Por estas causas algumas Monarchias de
longa duração tem commummente experimenta-
do este fado. Assim aconteceo á França. Pou-

(*) Ainda que a historia faça menção de grandes guerras, e até de ruinas de Nações, que procederão de causas insignificantes, com tudo não se póde contestar que ha causas regulares, e constantes, que minão a constituição dos Corpos politicos, e preparão a sua ruina, como no corpo humano, que tambem, por unanime reconhecimento dos Medicos, tem causas predisponentes de molestias, que de repente arrebentão em symptomas mortaes. A França estava nestas circunstancias: tres grandes causas se pódem assignar: I. corrupção da moral publica, pelos devassos escritos impios, e costumes sobremaneira licenciozos, que já não se olhavão ahi com a devida detestação, mas antes erão objecto de riso, e passatempo: II. a guerra em favor dos Anglo-Americanos, impolitica, deshumana, e dispendiosa, que occasionou atrazos no Redito e Credito Publico: III. contagio de vagas idéas republicanas de enthusiastas vindos dos paizes transatlanticos.

cas tem parecido em maior gloria. Algumas vezes muito elevada, outras vezes abatida, teve sempre mais crescimento, que diminuição, e continuou não só a ser poderosa, mas formidavel, até a hora da sua total ruina. A qu da desta Monarchia esteve mui longe de ser precedida por alguns symptomas exteriores de declinação. Mui pouco tempo antes da sua mortifera catastrophe havia hum genero de esplendor extrinseco na situação da Corôa, que de ordinario dá força á authoridade do Governo no interior da Nação. Elle parecia ter alcançado alguns dos mais esplendidos objectos de ambição dos Estados. Nenhuma das Potencias do Continente da Europa era inimiga da França. Todas ellas tacitamente se achavão dispostas em seu favor, ou publicamente se lhe tinhão confederado. A Nação Britannica, que era a sua preponderante rival, tinha sido por ella humilhada; e, quanto ás apparencias, se tinha enfraquecido; e certamente foi assás posta em perigo pelo grande córte que soffreo de huma parte do seu Imperio na America do Norte, a qual de dia em dia cada vez mais se augmentava em gente, e riqueza.

Deste auge de prosperidade, e grandeza

humana, a Monarchia da França cahio por terra sem resistencia. Ella cahio sem algum daquelles vicios do Monarcha, que tem sido ás vezes as causas das quedas dos Reinos. Elle apenas tinha leves nodoas no seu caracter. As faltas no Thezouro Publico forão só os pretextos, e instrumentos dos que maquinarão a ruina desta Monarchia, mas não as suas reaes causas. A França, privada de seu antigo Governo se mostrou aos especuladores vulgares mais objecto de dó, ou insulto, conforme a disposição das Potencias vizinhas, do que o flagello e terror de todas.

Porém do Sepulchro da assassinada Monarchia surgio hum vasto, tremendo, e informe Espectro, na mais terrivel fórma, que jámais tão pavorosamente assustou a imaginação, ou subjugou a fortaleza do homem. Avançando em linha recta ao seu fim, não amedontrado por qualquer perigo, não retido por algum remorso, desprezando todas as maximas ordinarias, e todos os meios communs, este horrendo Fantasma aterrou a todos, que não crião que elle fosse possivel, ou que jámais existisse. O veneno dos outros Estados he o alimento deste novo governo. *A bancarrota*, cujo receio foi huma

das causas, que se assignou para a quéda da Monarchia, veio a ser o *fundo capital* com que ella abrio o seu trafico com o mundo.

O Governo dos regicidas, depois de aniquilar a Renda Publica, destroir manufacturas, arruinar o Commercio, deixar sem cultura os campos, despovoar ametade do paiz, descontentar, empobrecer, reduzir á escravidão, e esfaimar o povo, passando com rapida, excentrica, e incalculavel carreira, desde a mais salvagem anarchia até o despotismo o mais feroz, tem actualmente conquistado as mais bellas partes da Europa, e ao mesmo tempo afflicto, desunido, desconcertado, e feito em postas todo o resto da Europa; havendo de tal modo subjugado os espiritos dos Regedores de cada Nação, que já não descobrem prezentemente outro recurso em si mesmos, mais do que o ficarem com titulos á insultante mercê daquelle Monstro, ostentando a sua propria fraqueza, e humilhação. A unica ambição destes consiste em serem admittidos á mais favorecida classe na *Ordem da escravidão* á *Potencia Dominante*. Parece que os Soberanos só são emulos em Hasta Publica, dando lanços á porfia contra a sua propria estima. Parecem ter reconhecido a pre-

eminencia dos regicidas, e que de bom animo tacitamente descem abaixo da cathegoria dos seus assassinos sacrilegos, como se fossem os seus naturaes Magistrados, e Juizes. A dignidade agora só he a prerogativa do crime. He porém do interesse do Genero Humano, que *a destruição da Ordem civil não seja o titulo da Realeza, nem a malfeitorta a base da honra.*

Aquelle parece agora ser o modo de pensar do dia. No principio da Revolução, a força da França foi muito desprezada; agora he em extremo temida. Como huma coragem inconsiderada foi seguida de hum medo irracional, devese esperar, que, por meio de huma deliberação prudente, cheguemos á huma fortaleza solida. Quem sabe, se a indignação não succederá ao terror, e a resuscitação de altos sentimentos, desvanecendo a illusão de huma segurança comprada á custa de gloria, nos arroje á desesperação generosa, que muitas vezes tem obstado á dissolução dos Imperios, á que antes se não achava remedio em conselhos sabios? Não devemos abandonar a Nação ao seu fado, ou proceder, e aconselhar, como se não tivesse remedio. Não ha razão de temer, que, por faltarem os meios ordinarios, não se possão apresen-

tar outros, que sustentem o espirito publico, e a *fortuna* publica. Quando o coração está inteiro, acharemos, ou faremos, táes meios. O coração do Cidadão he a perennal fonte da energia do Estado. Porque o pulso ás vezes parece intermittente em enfermidade perigoza, não se deve concluir, que terminará logo a vida. O Publico não se deve considerar incuravel.

No principio da que se chama a *guerra de sete annos*, succedendo alguns revezes, parecemos abandonar a nós mesmos, e ate fazer directa confissão de nossa inferioridade á França; e quando já muitas pessoas estavão promptas a proceder na Carreira da Administração conforme ao senso desta inferioridade, poucos mezes bastarão para effeituar mudança nos espiritos; pois, dos gritos do descorçoamento especulativo, a Nação se elevou ao mais alto cume de vigor prático. Jámais, como então, se manifestou com maior energia o espirito masculino de Inglaterra, nem o Genio Nacional voou com mais altiva preeminencia sobre a França.

Não desespero da fortuna publica, nem do espirito publico. Devemos caminhar por novas estradas: sem isso, não encontraremos o nosso inimigo na sua carreira extraviada. Não nos enganemos a nós mesmos. Estamos no principio de grandes desordens. Reconheço, que o actual estado dos negocios publicos he infinitamente menos esperançoso do que o mencionado, e que a salvação de todas as Potencias da Europa he mais intrincada, e critica, acima de toda a comparação. Ha porém huma sabedoria animosa, como tambem ha huma falsa e reptil prudencia, que he o resultado, não da cautela, mas do medo sob o pezo de infortunios. Então os nervos do entendimento são tão relaxados, e o perigo tão urgente, que absolutamente confunde todas as faculdades racionaes, e não deixa providenciar devidamente aos riscos futuros, nem justamente avaliallos, ou cabalmente vêllos. Como os olhos do espirito são deslumbrados, e amortecidos com abjecta desconfiança de nós mesmos, e extravagante admiração do inimigo, não se nos apresenta outra esperança senão a de hum compromisso com o seu orgulho, e inteira submisão á sua vontade. Submergimo-nos em o negro fundo do desmaio com toda a temeraria precipitação do terror. A natureza da coragem he (sem duvida) o familiarizar-se com o perigo; e, por seguro instincto, ainda em a palpavel noite dos seus terrores, os homens chamão

ça. Elle he mais tentado com a nossa riqueza, *como* despojo, do que amedrontado com ella, como poder. Onde a essencial força publica (de que o dinheiro faz parte) está em algum gráo ao pár na contenda entre as Nações, o Estado que se tem resolvido antes a arriscar a sua existencia, que abandonar os seus grandes objectos, tem infinita vantagem sobre o que está decidido a ceder, antes do que levar a sua resistencia além de certo ponto. Humanamente fallando, o povo que regula os seus esforços sómente até os limites da propria existencia, deve dar a Lei á Nação que não leva a sua opposição ávante da sua conveniencia.

Se não olharmos mais do que á nossa condição interior, o estado da Nação está vigorozo, e ainda plethorico; mas, se imaginarmos que o nosso paiz póde por muito tempo manter o seu sangue, e alimento, separando-se da Communidade do Genero Humano, tal opinião não merece refutação, por absurda, não menos que insana. Tão improvidente, e estupido egoismo não *vale* a menor discussão. Nós não podemos na prezente conjuntura fazer paz com o inimigo, sem abandonarmos os interesses do Genero Humano.

Se olharmos sómente para o nosso tenue peculio adquirido na guerra, sem duvida já obtivemos algumas pequenas vantagens, mas ambiguas em sua natureza, e á muito custo compradas. Não temos porém, ainda no mais leve grão, diminuido a força do inimigo commum em alguns dos pontos em que a sua particular força consiste; e ao mesmo tempo se levantárão contra nós novos inimigos, e alliados dos regicidas, por estranha Confederação formada dos fragmentos da antecedente nossa geral Alliança. Quanto a nós, considerados como partes da Communidade da Europa, e interessados no seu fado, o estado das cousas não póde ser mais duvidoso, e perplexo.

Quando Luiz XVI. se fez Senhor das mais extensas e importantes provincias da Hespanha, correo a Lombardia, fulminou as portas de Turim, e invadio os territorios d'Alemanha, o estado da Europa era verdadeiramente pavoroso. Então o grande recurso da Europa foi Inglaterra; não esta sorte de Inglaterra destacada do resto do Mundo, e divertindo-se com a ostentação theatral de sua Marinha (que não póde ser de gloria, quando são precarias as fontes deste poder, e de toda a outra especie de

poder) mas esta sorte de Inglaterra que se considera como incorporada á Europa, que sympathiza com a sua adversidade, e com a felicidade do Genero Humano, reconhecendo, que nada nos negocios humanos lhe he estrangeiro.

Devemos considerar como seguro axioma, que nenhuma Confederação póde existir contra a França, com effeito, ou duração, de que Inglaterra não só seja parte, mas tambem a cabeça; e nem Inglaterra póde pertender debellar a França, senão confederando-se com o *Corpo da Christandade.*

Em a nossa conta de guerra com a França, como *Guerra de Communhão*, no instante em que principiarmos a fazer acções, e insinuações de paz, vem a ser *guerra de desgraça.* As vantagens independentes, que temos obtido á custa da causa commum, se ellas nos enganão sobre os nossos mais importantes e seguros interesses, devem-se contar entre as nossas maiores perdas.

Os Alliados da Gram-Bretanha tem sido miseravelmente illudidos por hum grande erro fundamental, isto he, que está em nosso poder fazer paz com hum *Monstro*, cujos designios o fazem formidavel. Muitos Estadistas imaginão,

que o cessar de resistir-lhe, he o certo expediente de segurar os Governos. Este pallido pensamento tem enfraquecido todas as suas emprezas, e desconcertado todas as suas tortuosas politicas. Não poderão, ou antes não quizerão, ver nas mais explicitas declarações do inimigo, e no seu uniforme procedimento, que maior segurança se póde achar na mais ardua guerra, do que na amizade desta casta de gente. A sua amizade hostil não póde ser alcançada em outros termos, que não involvão a impossibilidade de resistir-se depois á seus designios. Este grande prolifico erro foi a causa de fazer os nossos Alliados indifferentes na direcção da guerra. Os revezes, que o Estado dos assassinos soffrerão, tem uniformemente occasionado novos esforços, com que não só repárárão as suas perdas, mas tambem os preparárão á novas conquistas. Os revezes dos Alliados, ao contrario, só forão seguidos por deserção, desmaio, desintelligencia, abandono da sua politica, desvio de principios, admiração do inimigo, mutuas accusações, reciproca desconfiança da propria causa, e de seu poder, e valor.

Grandes difficuldades nos apertão de toda a parte em consequencia desta erronea politica.

Longe de palliar o mal na sua reprezentação, desejo para meu fundamento firmar a verdade, de que *nunca existio maior mal do que o que temos a combater*. No momento em que se receia algum subito terror panico, póde ser prudente occultar por algum tempo algum grande desastre publico, e ir revelando-o por gráos, até que o espirito do povo tenha intervallo para resurgir, e o seu entendimento tenha descanço para se reanimar, e tambem para que mais firmes conselhos possão prevenir algum acto desesperado, estando-se debaixo das primeiras impressões de raiva, e terror. Mas a respeito do geral estado das cousas, que procedem dos successos, e causas já conhecidas em grosso, não ha piedade nessa especie de fraude, que encobre a verdadeira natureza de taes successos, e de suas causas; pois só resoluções erroneas podem resultar de representações falsas. As providencias, que nos desastres ordinarios são proveitosas, não são, nas grandes desgraças nacionaes, outra cousa senão entrar em farça com o mal. O peior phenomeno he vêr-se, que tudo he seguro, excepto o que as Leis tem feito sagrado; tudo he vilania, e languidez, onde não ha mais que furia, e facção.

He impossivel não observar que, á proporção que nos avizinhamos ás peçonhentas garras da anarchia, o encanto parece irresistivel. A' proporção que somos attrahidos para o frio o mais enregelado da irreligião, e immoralidade, logo todos os venenozos e phosphoricos insectos do Estado insurgem a ostentar a sua vida. Está em a natureza destas enfermidades eruptivas do Estado o apparecerem e desapparecerem taes excrescencias; mas o fermento da molestia remanece, e não mitiga a sua malignidade; e só se espera por mais livre communicação com a fonte do regicidio, para desenvolver e augmentar a sua força.

Estamos em guerra de particular natureza. Não se trata com huma Nação ordinaria, que he inimiga ou amiga, segundo a paixão, ou o interesse, possa dictar as hostilidades; nem ainda com hum Estado, que faz guerra por extravagancia, e que a abandona depois de cançado. *Temos guerra com hum systema*, que, pela sua essencia, he inimigo de todos os Governos, e que faz guerra ou paz, conforme a guerra, ou a paz, póde melhor contribuir á subversão dos mesmos Governos.

Temos guerra com Doutrina armada.

Ella vem a ser, por sua natureza, huma facção de opinião, de interesse, de enthusiasmo, em todos os paizes. Para nós he como o Collosso de Rhodes, que aspira a cavalgar o nosso canal. Elle tem hum pé na praia do Continente, e outro no Solo Britannico. Nada póde tão completamente arruinar a qualquer dos antigos Governos, e o nosso em particular, do que o mostrarmos reconhecimento (claro ou implicito) de algum genero de superioridade deste novo poder.

Isto funda-se na inalteravel Constituição das cousas. Ninguem póde esperar cousas grandes, senão o que tem força de soffrer grandes perdas. Os que fazem seus ajustes logo no principio da desventura, poem o sello ás proprias calamidades. Huma sorte de coragem pertence ás Negociações dos Gabinetes, como ás operações do Campo. Hum Negociador Politico deve muitas vezes mostrar, que arrisca todo o exito do Tratado, se elle o deseja segurar em algum ponto principal.

Aos que não pódem contemplar com prazer a quéda das grandezas humanas não conheço mais mortificante espectaculo, do que o verem a reunida Magestade das Testas Coroadas da Eu-

ropa esperando, como criados na antecamara de regicidas, que, quando lhes apraza, abrão as portas aos seus altos e poderosos Clientes, repartindo favores de etiquetas aos Plenipotenciarios da Real Impotencia, concedendo-lhes precedencias conforme a antiguidade de sua degradação, apresentando os murchos restos das graças da antiga Côrte com o insultante, feroz, e sardonico rizo de hum sanguinario amotinador, que talvez ainda lhes esteja medindo com os olhos a estatura proporcionada para a guilhotina. Estes Embaixadores poderáõ voltar como bons Cortezãos; porém nunca tornaráõ com verdadeira affeição á seu Soberano, e á Constituição, Religião, e Legislação do seu paiz. Ha grande perigo, que elles entrem rindo-se nesta cova de Throphonio. Elles viráõ a ser os verdadeiros conductores do contagio á todos os paizes, que tiverem o infortunio de enviallos á matriz de tal electricidade. Pelo menos, se faráõ indifferentes á huma Constituição, ou á outra, e não se poderáõ elevar ao nivel da verdadeira dignidade, e da casta estimação das proprias pessoas, contaminando-se pelo contacto, obsequio, e affabilidade, com tanta gente nefaria.

Os regicidas forão os que primeiro nos declarárão a guerra. Nós agora somos os primeiros a solicitar a paz. Em proporção da humildade e perseverança que mostramos em as nossas propostas, cresceo a obstinação de sua arrogancia em rejeitallas. A paciencia do seu orgulho se cançou com a importunidade da nossa cortezia, e redobrou os insultos. Muitas vezés acontece, que por timbres dos Governos se rejeitão offerecimentos publicos do inimigo, quando aliás o interesse bem entendido secretamente dicta o aceeite da vantagem. He o caracter da humanidade submetter-se á força das cousas. Ha consanguinidade entre benevolencia, e condescendencia em justos termos. São virtudes do mesmo fundo. A dignidade he de boa prosapia; mas pertence á familia da fortaleza. No espirito desta benevolencia procuramos obter paz do Directorio dos regicidas, para poupar as vidas de infelizes pessoas da primeira distinção, e que estando sob a protecção e no serviço da Gram Bretanha, por desastres do mar forão lançados sobre a praia Franceza, mais barbara, e inhospital, do que o inclemente Oceano na mais cruel de todas as tempestades. Deo-se então a opportunidade de exprimir as miserias da guerra,

quando a fortuna da guerra se declarou pelos regicidas.

Não digo que os procedimentos diplomaticos devão ser como os processos parlamentarios, ou judiciaes, exactamente conformes aos Arestos precedentes. Mas hum grande Estado deve sempre ter em vista as *antigas maximas*, principalmente onde he necessario mostrar toda a dignidade nacional, e aliás concorrem tambem aos bons propositos as regras da prudencia; e sobre tudo quando as circunstancias do tempo requerem, que se resista ao espirito de innovação, que tende a humilhar as Potencias Soberanas.

A proposta da paz foi da parte da Gram Bretanha hum acto voluntario, procedido do desejo de accomodação, e da geral pacificação da Europa. A repulsa dos regicidas em não quererem tratar com a Gram Bretanha em Congresso das Potencias Alliadas, dá materia para a mais seria reflexão. Desunindo-se assim cada Estado huns dos outros, como a Côrsa ferida separando-se das companheiras, toda Potencia he tratada conforme ao gráo de seu merecimento em qualidade de desertora da causa commum. Nesta Diplomacia de traição, os regicidas,

achando a cada Soberano solitario, e desprotegido, vem a dar-lhe a Lei com a maior facilidade. Por tal systema, irremediavel desconfiança se disseminou entre os Confederados; e, para o futuro, toda a Alliança se faz impraticavel. Assim tratarão com a Prussia, Hespanha, Sardenha, Estados Ecclesiasticos, e outros; e estes Estados recusarão tratar de outro modo, apostatando da Gram Bretanha. Peiores que cegos, não virão, que, desviando-se da regularidade do systema, neste caso, e em todos os outros, elles adoptarão o mais terrivel plano para total destruição da propria independencia; não advertindo, que não poderião achar refugio senão ligando-se immovelmente á causa commum.

Os regicidas responderão cathegoricamente affectando sinceridade, e dizendo que ,, o Acto Constitucional não lhes permittia consentir em alienação alguma dos paizes conquistados, que, conforme as Leis existentes, constituem o territorio da Republica; que sobre outros interesses politicos, e commerciaes, estarião promptos a receber as proposições que fossem justas, racionaveis, e compativeis com a dignidade da Republica ,,.

Nos Annaes do orgulho não existio jámais tão insultante declaração. Ella he insultante nas palavras, nas maneiras, na substancia, e he, em cima disso, pavorosa. He huma amostra do que se póde esperar dos Senhores que estamos preparando para o nosso humilhado paiz. A sua affectada candura consiste em directo Manifesto do seu Despotismo, e Ambição. Na sua unidade e indivisibilidade da posse do que roubarão, e se apropriarão dos Estados de seus vizinhos, elles amalgamão, e submergem immensas, e ricas provincias, cheias de praças fortes, e de populosas, florentes, e opulentas Cidades. Tudo isso não he já materia de discussão diplomatica. E porque Lei? He a Lei das Nações? He alguma reconhecida publica Lei da Europa? Ha alguma prescripção de posse immemorial de sua parte? Não. He huma declaração feita *pendendo a lide*, e no meio de huma guerra, cujo principal objecto foi, na origem, a *defensão natural das Nações* contra huma Nação, que adoptou furiosos principios anarchicos, para destruição de todas, e desorganização da Ordem civil.

A estranha Lei dos anarchistas não foi feita para hum objecto trivial; não para hum por-

to, ou para huma fortaleza; mas para hum grande reino, e para a religião, moral, leis, liberdade, vida, e fortuna de milhões de creaturas humanas, que, sem consentimento proprio, ou do seu legitimo Governo, sem ceremonia, e sem mais cumprimento, só por Actos arbitrarios de hum Governo, á que homicidas, e regicidas, chamão Lei, são incorporados na sua tyrannia. Elles com hum feixe de Leis e Legisladores de seu molde, dissipárão todas as Constituições, e Leis reconhecidas, e até não escrupulizarão em profanar os *fundamentaes sagrados direitos do homem*, reduzindo á nada, e com ignominia, o Santo Codigo da Lei da Natureza, pertendendo, que só a sua forjada Lei despotica revolucionaria seja invulneravel, impreterivel, immortal. Arrogando-se o Magisterio, e o Senhorio, de todas as cousas divinas, e humanas, só na sua omnipotente legislatura se achão sem o poder de fazer paz compativel com a tranquillidade e honra de seus vizinhos. Só são poderosos em usurpar, mas impotentes em restituir. Pela sua potencia, e impotencia, igualmente se engrandecem, enfraquecendo, e empobrecendo todas as outras Nações.

Com razão pois o Governo Britannico respondeo, que, em quanto persistissem estas disposições no Governo Francez, nada restava ao Rei, senão proseguir em huma guerra igualmente justa, e necessaria.

Depois desta resposta, os Regicidas devastárão toda a Europa, e *até Portugal se curvou ao seu jugo*. Toda a demonstração de implacavel rancor, redobrada animosidade, e indomito orgulho, forão os unicos estimulos que recebemos das nossas supplicas. Quando a guerra se fez dez vezes mais necessaria, a nossa resosução de proseguir nella, se amolgou com o calor da estação.

Se a humilhação he o elemento em que devemos viver, confesso, que não me enamoro da idéa de expor as nossas chagas lazaras á porta de cada soberbão servidor da França. O caliz d' amargura não tem ainda sido bebido á tão grandes tragos, como em se propor paz á França. Procuramos Mediador em hum Ministro de Dinamarca, em cuja pessoa a dignidade Real tinha sido insultada, e envilecida na Séde do orgulho plebeo, com o atrevimento o mais insolente de levantados proclamadores, e missionarios de geral Rebellião. Experimentámos ou-

tra repulsa, com a sua ordinaria invectiva con-
tra o Ministro Inglez, arguindo-o da prover-
bial *perfidia punica*, e affirmando-se, que não
podia ser de boa fé o desejo de paz da parte do
Governo Britannico; visto que esta lhe arran-
caria a sua Preponderancia Maritima, restabe-
leceria a Liberdade dos Mares, e daria novo
impulso ás Marinhas de França, Hespanha, e
Hollanda, e elevaria ao mais alto gráo de pros-
peridade a industria, e o Commercio destas
Nações, em que aliás sempre Inglaterra tinha
encontrado rivaes, considerando-as como ini-
migas do seu Commercio. Accrescentavão o in-
sulto dizendo „ He precizo, que o Governo
Britannico abjure o injusto odio que nos tem,
e que á final abra os ouvidos á voz da humani-
dade „.

Jámais em Diplomacia appareceo papel tão
incendiario, como Preliminar de negociação
de paz. Poucas declarações de guerra tem
manifestado mais atroz malevolencia. Omitto
a afronta dessa rhapsodia. Não fallo mais de
dignidade nacional: a terra assenta já mui.
de leve sobre as cinzas do Timbre Inglez. Só
farei observações politicas sobre este nego-
cio baixo, com que os algozes regicidas quize-

rão lançar o baraço á garganta da Gram Bre-
tanha.

A idéa de Negociação de paz suppõe
sempre alguma confiança na fé das propostas do
Negociador: deve-se-lhe dar credito nesse tem-
po, e acto. Aliás os homens recalcitrão com
triplicada força contra o estimulo que os fere.
Suppor traição por base do trato de paz, he ex-
cluir toda a esperança, e seguridade da transac-
ção amigavel. Isto he o mais fatal agoiro de eter-
na hostilidade. Insistir em novas propostas, quan-
do o inimigo attribue perfidia até nas Creden-
ciáes, he dar fraqueza aos plenos poderes con-
cedidos ao caracter do Embaixador.

A França requer, que se ouça a voz da
humanidade. He extraordinaria demanda: he
pôr-nos cêra nos ouvidos, como o astuto Ulys-
ses ordenou á seus marinheiros contra as Sereias
do Oceano. Que tenro, affinado, e affectuoso
canto he este da *douce humanite* (doce huma-
nidade) do Chôro dos confiscadores, e assassi-
nos, que estabelecerão hum systema destructivo
de toda a ordem publica, e o mantiverão por
meio de proscripções, exterminios, sacrilegios,
matadouros, e huma rebellião, que se não pó-
de lembrar sem horror, e pavor, pelo execravel

parricidio do mais justo e benefico Soberano da propria Nação, e de huma illustre Princeza, que com immovel animo tinha participado dos mesmos infortunios, e soffrimentos de seu Real Consorte; que abertamente confessarão o proposito de subverter todas as instituições da Sociedade, e porfião em espraiar sobre todas as Nações a mesma confusão, que produzio a miseria da França!

Com toda a justiça pois o Governo Britannico pela ainda restante energia do Governo proclamou á Europa, que, não podendo existir o prezente estado das cousas, sem arrastar em hum perigo commum todas as Potencias circumvizinhas, a justa prevenção de tal desastre lhe dava o direito, e impunha o dever, de fazer parar o progresso deste mal, que existia sómente pela successiva violação de toda a Lei, e de toda a Propriedade, e que atacava os fundamentaes principios pelos quaes o Genero Humano he unido em os laços da Sociedade Civil. Com toda a razão o Ministerio Inglez declarou á face do Mundo, que Sua Magestade Britannica nada desejava mais sinceramente do que o terminar huma guerra, que em vão se esforçou evitar, e que todas as calamidades, que se tem segui-

do, se devião unicamente attribuir á ambição, perfidia, e violencia daquelles, cujos crimes involverão o seu paiz em miseria, e descompozerão todas as Nações civilizadas.

Esta Declaração fez valer os septimenntos da *verdadeira humanidade*. Taes sentimentos não se pódem extrahir da Cirurgia da morte, em que he eminente a Diplomacia Regicida, nem as ulceras, que ella fez arrebentar com seus cauterios, se pódem adoçar por cataplasmas emollientes dos seus roubos, e confiscos, que constituem a quinta essencia dos amores, e curativos republicanos.

Por estranhas revoluções que tem sobrevindo no modo de pensar dos homens, tem-se suggerido, que, por bons termos de huma capitulação, se póde ceder em hum tempo, para depois fazer-se em melhores dias reviver o espirito nacional com duplicado ardor. He ás vezes necessario *recuar para melhor saltar*, conforme o adagio francez.

Porém forçar á diéta a hum doente até o ultimo gráo de fraqueza, e langôr, tem mais de empirico, e charlatão, que de Medico racional. Essa não he a melhor disciplina para formar homens destinados á lutta heroica,

delicado senso de honra, e vivo resentimento das injurias (*). Longo habito de humilhação não he bom preparatorio para ter-se varonil, e vigoroso sentimento, e muito menos quando se ensina a considerar o poder do inimigo como irresistivel, e o povo de Inglaterra se contenta de mercês de hum systematico inimigo estrangeiro, combinado com perigosa facção no interior do Estado, sem pôr o fundo de sua segurança no proprio patriotismo, e valor.

He absurdo confiar a garantía do Imperio Britannico da compaixão dos regicidas; empenhar a sua religião á impiedade de athêos; implorar a clemencia de callosos assassinos; e entregar a sua propriedade á salva-guarda de ladrões por inclinação, por interesse, por habito, por systema. Se tal he o nosso animo deliberado, verdadeiramente merecemos perder o que, com tal abatimento de animo, he impossivel conservar, o *Nome de Nação.*

Não póde haver unanime zelo na causa da salvação geral, e resistencia ao inimigo commum, onde se tem de combater no interior do

(*) Ut lethargicus hic, cum fit pugil, et medicum urget — Horat.

Paiz com huma continua mofina, repugnancia, e trapaça.

França, a Mãi de monstros, e mais prolifica em prodigios monstruosos que o antigo fabuloso paiz chamado *Ferax Monstrorum*, manifesta já os symptomas de estar exhaurida em todo o genero de monstruosidade, menos que a paz não renove a sua infernal fertilidade. Para que por nossa leveza (não por nossa depravação) lhe deixaremos recrutar os seus brutaes restos de vida monstruosa, que ainda não estão destruidos? Os homens bons não suspeitão que haja gente atraiçoada, que attente á ruina da Nação por meio das virtudes da mesma Nação. Os turbulentos não escrupulizão em abalar a tranquillidade do seu paiz até o centro, levantando continuo clamor de paz com a França, assemelhando-se ás importunas gallinhas de Guiné, que gritão em huma só aspera e continua altisonante nóta, dia e noite. O seu mote he *paz com os regicidas*, pensando que vem a ser paz com todo o mundo.

Os Jacobinos são mui habilidosos: nas convulsões politicas, as paixões fortes exaltão as faculdades: elles gritão por paz, porque, ganhado este ponto, estão certos, que o resto

virá de si mesmo. Como póde ser bom, e fundado em a natureza, que os homens se rejão pelos conselhos de seus inimigos? Não se deve antes tremer, quando se quer persuadir, que se deve viajar pela mesma estrada, e pousar no mesmo lugar, que elles dictão?

Em 1739 o Governo Inglez foi forçado pelo povo, e pelos politicos, e até pelos poetas do tempo, a declarar guerra á Hespanha: e póde-se dizer, que então essa guerra foi *guerra de roubo*. No prezente conflicto com regicidas, he forçado por gritos vulgares a fazer huma paz dez vezes mais ruinoza que a mais desastrada guerra, e quando aliás ha todos os motivos de appellar para a nossa Magnanimidade, e Razão. Os Ministros, que cederem por fraqueza, devem ser condemnados pela Historia. Então a contenda era sobre *Guardas-costas*, e a *Convenção de Madrid*. Agora trata-se da nossa existencia politica, e da causa da civilização, em que se preciza de espirito forte, e perseverante, o qual só he capaz de supportar as vicissitudes da fortuna, e os encargos de huma longa guerra: digo emphaticamente *longa guerra*; pois, sem tal guerra, nenhuma experiencia historica nos diz, que huma Poten-

cia perigosa podesse ser reduzida á razão, e justa medida de poder. Não he precizo subir á antiguidade, e trazer á memoria a guerra do Poloponeso de 27 annos; nem as duas guerras Punicas, a primeira de 24, e a segunda de 18 annos; nem a mais recente dos tempos modernos concluida pelo Tratado de Westphalia, que continuou por 30 annos. Só fallo da que toca mais immediatamente ao nosso paiz desde 1689 até 1713; nesse intervallo quasi que não houverão 5 annos de paz.

Neste periodo, nas pazes de *Ryswich*, *Gertrudemberg*, e *Utrecht*, sempre as proposições de accomodação vierão da parte do inimigo. Em taes guerras a Resolução do povo fez sempre a sua força. Então os nossos recursos erão incomparavelmente menores que hoje. Não tinhamos exercito consideravel. As nossas Finanças achavão-se, se he possivel, em peior estado. O nosso credito publico, na verdade já então grande, mas ambiguo na opinião de muitos, que nos prognostivão muitas vezes que elle seria a causa da nossa ruina (o qual todavia já por hum seculo tem sido o constante companheiro, e, ás vezes, o meio da nossa prosperidade, e grandeza) teve a sua origem, por

Nesta guerra, continuada 14 annos contra Luiz XIV., o Governo não poupou trabalho algum para satisfazer á Nação; a qual, ainda que animada com desejo de gloria, todavia não tinha a gloria por seu ultimo objecto, mas sim o que lhe era mais caro, isto he, a sua *religião*, *lei*, *liberdade*, e tudo o que está no coração dos Inglezes, como homens livres, e como Cidadãos da grande *Republica da Christandade*, sempre circunspectos, e animosos para prevenirem perigos, e proverem ao futuro. Isto era conhecer a verdadeira arte de ganhar os affectos do povo; isto era entender a natureza humana.

As paixões das ordens inferiores são famintas, e impacientes; só aspirão á guerra mercenaria. O calculo do proveito em taes guerras he falso. Balanceando-se as contas de taes guerras, mostra-se, que mil caixas de açucar são compradas á preço dez mil vezes maior do que ellas valem. O sangue do homem não deve ser derramado senão para remir o sangue injustamente desparzido. Convem que, só o demos por nosso Deos, nosso Paiz, nossa familia, nossos amigos, nossa Especie: só isto he virtude; tudo o mais he crime.

Guerra para prevenir que os assassinos de Luiz XVI. nos imponhão a sua irreligião, he guerra justa. Guerra para prevenir a operação de hum systema, que faz a vida sem dignidade, e a morte sem esperança, he guerra justa. Guerra para preservar a independencia politica, e a liberdade civil das Nações, he justa guerra. Guerra para defender propriedade, vida, honra, da certa e universal carnificina, á que Francezes condenão o mundo, he guerra justa, necessaria, piedosa, varonil, e somos obrigados a persistir nella por todo o principio divino, e humano; pois que se trata da existencia de todos contemporaneos e vindouros.

A França he a unica Potencia da Europa, pelo qual he possivel que sejamos conquistados. Viver em continuo medo de tal mal (que he sem medida) he a mais tormentosa calamidade. Viver sem medo, he converter o perigo em desastre. A influencia da França he igual á guerra; e o seu exemplo he mais devastador, que huma irrupção hostil. Ella está em essencial e habitual hostilidade com nosco, e com todo o Povo civilisado.

Governo de huma natureza tal como existe na França, não foi jámais visto, ou imagi-

nado na Europa. He cousa mui séria ter connexão com hum povo, que só vive de instituições positivas, arbitrarias, mudaveis, e não sostidas, nem explanadas por alguma reconhecida regra da sciencia moral. Elle destruio os elementos, e principios da Lei das Nações, que he o grande ligamento do Genero Humano. Com ella destruirão todos os Seminarios em que se ensinava a Jurisprudencia, e igualmente todas as Corporações estabelecidas para a sua conservação. Elles tem posto fóra da Lei a si mesmos, e tem igualmente proscripto do fôro das Leis Naturaes a todas as Nações.

Jacobinismo he *rebellião dos talentos ousados e emprehendedores de hum paiz contra toda a Propriedade.* Quando os homens fazem revoluções para destruir todas as antecedentes leis, e instituições do seu paiz; quando elles segurão para si hum exercito, dividindo entre o povo que não tem propriedade, as herdades de seus antigos, e legitimos proprietarios; quando o Estado reconhece e ratifica taes actos; quando o Governo não faz confiscos para os crimes, mas os crimes para confiscos; quando os seus principaes recursos são *offensas da propriedade*, e *assassinatos de todos*, que resistem, e

combatem pelo seu antigo legal governo, e suas legaes, hereditarias, e adquiridas possessões, eu chamo isto *Jacobinismo por estabelecimento.*

Os que estabelecerão tal lei, viciarão, e inflammarão a imaginação, e perverterão o senso moral dos homens, e levarão o delirio á ponto de fazer vir aos seus Tribunaes a alguns scelerados, que se dizião Pais, a pedirem o assassinato de seus filhos, jactando-se de que Roma teve hum Bruto, o qual poz á morte ao proprio filho, mas que os Francezes poderião mostrar centenares de Brutos. A maldade foi reciprocada, e realiada por filhos contra os pais. O fundamento de tal Estado foi estabelecido em paradoxos; o seu patrimonio he prodigio. Todos os exemplos, que se achão na historia, reaes ou fabulosos, de duvidoso espirito publico, em que a moralidade fica perplexa, a razão se assombra, e a natureza estremece, são os seus escolhidos, e quasi os unicos, modelos para instrucção da mocidade.

Todo o trém das instituições dos Francezes he contrario aos dos mais Sabios Legisladores de todos os paizes, que destinarão a perfeiçoar os instinctos, para constituir a moral pura,

e enxertar as virtudes sobre o tronco das affeições naturaes. Elles, não omittirão trabalho algum para extirpar todas as benevolas e nobres propensões do espirito dos homens. Elles pensão, que he indigno do nome de virtude publica tudo que não indica violencia nos particulares. As suas novas Leis destroncão pela raiz a nossa natureza social.

Todos os Legisladores, conhecendo ser o cazamento a origem de todas as relações, e em consequencia o elemento de todos os deveres, esforçarão-se, por todos os meios, em fazello sagrado. A Religião Christã, limitando o matrimonio aos pares, e constituindo-o indissoluvel, tem, só por isso, feito mais para a paz, felicidade, firmeza dos Estados, e civilização do mundo, do que talvez por todos os outros preceitos da Sabedoria Divina. Porém a Synagoga do anti-Christo da França tomou o curso contrario; e forjou na manufactura de todo o mal a *Assemblea Constituente* de 1789, a qual, com a maior industria, fez a obra (por assim dizer) de *dessagrar*, e deshonrar o estado do matrimonio, que todos os Legisladores tem constituido sancto, e honorifico, fazendo a mais estranha declaração, de não ser o cazamento senão

hum contrato civil, e trafico commum; permittindo ás filhas-familias as uniões mais licenciozas, e ás mulheres cazadas o divorcio arbitrario, sob pretexto de libertallas da tyrannia dos pais, e maridos. Por taes infames actos, de tão horriveis consequencias, pôz-se o sexo feminino fóra da tutela e protecção do sexo masculino, com evidente transgressão da ordem da natureza.

A pratica do divorcio, ainda que permittida em alguns paizes, foi sempre descorçoada, e desacreditada em todos. Felizmente hoje em as Nações civilizadas o divorcio não he frequente artigo de registo publico. Mas na França não só he artigo regular, mas até já se acha posto em honra. Em Inglaterra, por Exame decretado pelo Parlamento, mostrou-se, que, em cem annos, apenas se contão cincoenta divorcios (que aliás são mais *separações de thoro*, do que absolutas dissoluções dos vinculos do matrimonio.) Em Pariz, só em tres mezes, em 1793 houverão 562 divorcios.

A' esta pratica se accrescentou a do *cannibalismo*, com que os Jacobinos até bebião o sangue das victimas da sua ferocidade, e commettião os mais atrozes, infames, e nunca ou-

vidos actos de obscena salvajaria sobre os cadaveres. A' muitas victimas não concederão ao menos o gozarem das ultimas consolações do Genero Humano, e dos direitos da sepultura, que indicão a esperança da vida eterna, e com que a natureza ensina em todos os paizes a alliviar as afflições, e soffrer, com resignação á Providencia, as enfermidades da nossa sorte mortal. Procurando persuadir ao povo, que os homens não são melhores que as bestas, todo o corpo de suas instituições os tendem a fazer tigres furiosos. Para esse fim forão disciplinados a ostentar huma ferocidade sem parallelo (*).

A certa e tremenda operação destes perigosos e seductores principios e exemplos, nos obriga a recorrer aos verdadeiros Canones Sociaes. Não obramos com sabedoria, quando nos fiamos nos interesses dos homens, como unicos e seguros penhores dos seus negocios. Os interesses muitas vezes quebrantão as justas convenções, e as paixões pizão frequentemente

(*) Ainda peior de tudo, ostentavão a mais feroz alegria no meio de suas matanças, e horribilidades, divertindo-se em theatros, e até fazendo ao mesmo tempo pantomimas nas praças das execuções, para tornar mais crueis, sensiveis, e dolorosas as angustias das victimas da guilhotina.

quaesquer interesses, e convenções. Entregarmo-nos inteiramente á huma e outra cousa, he não conhecer o Genero Humano.

Os homens não se ligão huns aos outros por papeis, e sellos. Elles são insensivelmente conduzidos a se associarem por semelhanças, conformidades, e sympathias. As Nações obrão como os individuos. Não ha tão forte vinculo de amizade entre Nação e Nação, como o da correspondencia em leis, costumes, maneiras, e habitos de vida. Estas causas tem mais força, do que quantos Tratados haja. São obrigações escritas no coração. Elles aproximão o homem ao homem, sem hum conhecer a outro, e sem terem a intenção de se unirem. O secreto, invisivel, mas firme, laço do trato habitual, os tem em harmonia, ainda que a sua perversa, e litigiosa natureza, os incite a contender, esgrimir, e guerrear sobre os termos das obrigações escritas.

Quanto á guerra, ella he o unico meio de sustentar a justiça entre as Nações contra a injuria, e violencia reciproca. Nada póde banilla do mundo. Os que dizem o contrario, mentem a si, e aos outros. (*) He hum dos maio-

(*) A' isto não assinto: creio na *perfectibilidade do*

res objectos da sabedoria humana mitigar os males, que ella não tem a potencia de remover. A conformidade, ou a analogia de religião, leis, e maneiras, de que tenho fallado, ainda que seja impotente para preservar perfeita confiança, e tranquillidade entre os homens, tem com tudo a tendencia mui forte de facilitar a accommodação, e produzir geral esquecimento do rancor em suas querelas. Pela diversidade de leis, religião, e maneiras, muitas Nações, que estão apparentemente em paz, estão na realidade mais separadas humas das outras, do que as Nações da Europa, ainda no curso das mais longas e sanguinosas guerras. A causa disso se deve procurar na semelhança de religião, leis, e maneiras. Os Escritores da Lei das Na-

espirito humano. Assim como Burke diz que não desesperava da fortuna do Estado, eu tambem não desespero da fortuna da Sociedade. O mesmo Author reconhece, que a natureza do homem he social, e perfectivel; e acima bem disse, que duvidava se a historia do genero humano tem sido completa, para se formar juizo seguro sobre a extensão dos melhoramentos dos Estados. A sua these só he verdadeira nas actuaes circunstancias do atrazo da civilização. A paz perpetua será tardía, mas não tenho por chimerica, e se realisará em futuro, ainda que em remoto, periodo. Até a nossa Religião Catholica a faz esperar: *fiet unus ovile, et unus pastor.*

ções tem por essa razão chamado *Republica da Europa* o aggregado de taes Nações. Ella he virtualmente hum *Grande Estado* que tem a mesma base da legislação geral, só com leve diversidade de costumes provinciaes, e Estabelecimentos locaes.

As Nações da Europa tem a mesma Religião Christã, concorde nas partes fundamentães, variando pouco em ceremonias, e doutrinas subordinadas. (*) Desta fonte emanou hum systema de maneiras, e educação, que as constituia quasi semelhantes nesta porção do Globo, e que sostinha, harmoniava, e reunia, as diversas côres de toda a população. Pouca differença alhi havia na fórma das Universidades para ensino da mocidade, e tambem quanto ás Faculdades Sciencias, e mais generos de erudição liberal. Por isso, sahindo qualquer pessoa da sua Nação, não se podia chamar inteiramente hum estrangeiro, e desterrado. Só se encontrava huma aprazivel variedade, para recrear, e instruir o espirito, enriquecer a phantasia,

E

(*) Todavia a Religião Catholiea tem artigos dogmaticos essenciaes, que differem dos de alguns ramos heterodoxos do Christianismo.

e melhorar o coração. O viajante sensato não parecia sentir-se fóra de seu paiz.

Mas o systema da Revolução Franceza foi o perturbar toda esta harmonia, e conformidade. Nem se póde assignar outra razão, senão essa para os Francezes alterarem todas as idéas, nomes, usos, leis, e religião do mundo civilizado. Com estudada violencia tiverão em designio pôr-se em apostasia da Humanidade, e fizerão scisma com o Universo: e a quebra da união foi tão completa, que *impossibilitarão o commercio social*, tendo-o corrupto, e destruido no seu principio. Assim fizerão por attrahir a todo o Genero Humano ao seu systema, e os forçarão a viver em perpetua inimizade com o Estado o mais poderoso que jámais se vio. Póde-se imaginar que, offerecendo elle ao Genero Humano esta desesperada alternativa, não tenhão sempre hum espirito hostil, contra todos os povos e governos, estando com tantos meios de força para offender sem responsabilidade?

Ha leis civis que não são totalmente positivas, mas simples conclusões da *razão natural*, e pertencentes á *Universal Equidade*, as quaes por isso são applicaveis em todas as partes. Tal he a *Lei da Vizinhança*, que não dei-

xa á cada individuo mostrar-se inteiramente o absoluto Senhor do seu proprio terreno. Quando hum vizinho vê fazer á sua porta huma nova obra, que seja de natureza prejudicial, tem direito de reprezentar ao Juiz o seu gravame, e justo receio de damno, e este tem o direito de *embargar a obra*, para não se continuar, e ainda para se demolir depois de já feita, mostrando-se o mal, ou o imminente perigo de sua existencia. Ninguem póde fazer *innovação á risco do vizinho*. Toda a doutrina da lei civil sobre a *denunciação da nova obra* (*) he fundada nesta justa razão, que *não he licito á huma pessoa fazer uso da liberdade natural* para fazer obra em sua propriedade, donde com razão se possa recear detrimento e prejuizo grave do vizinho. A denuncia então he *prospectiva*, e olha ainda para o damno futuro, e anticipa por prudencia a *prevenção do mal, ainda não feito*. Este direito he igualmente favoravel á ambos os vizinhos. Por elle se acautela e remove, em tempo opportuno, hum damno que, depois de fei-

(*) Vejão-se as Leis do Digesto de *Novi operis nunciatione*, e de *Damno infecto*.

to, talvez seja irreparavel, ainda que aliás o não seja destinado pelo architecto da *nova obra*.

As regras da equidade, e a urgencia do caso, justificão o remedio. A's vezes a prevenção do mal preciza de celeridade, e a dilação he perigoza. Os vizinhos se presumem saber os factos dos seus vizinhos, como se diz em huma regra de Direito Civil. São pois todos mui interessados, que huns não abusem das suas faculdades em injuria alheia, e com perigo da existencia dos outros.

Este principio he ainda mais verdadeiro a respeito das Nações. O Direito pois da *Grande Vizinhança da Europa* constitue hum dever de cada Estado, e seu claro titulo, o prevenir qualquer capital innovação em outro Estado, que possa equivaler á formação de *obra nova prejudicial* á tranquillidade, e independencia dos mais circumvizinhos. Aquella regra justifica a Declaração cathegorica do Governo Britannico de 29 de Outubro de 1793, que o estado de cousas, que existe na França não póde continuar, sem involver todas as Potencias da Europa em commum perigo, e sem lhes dar o direito, e impôr o dever, de fazer parar o progresso de hum mal, que ataca os principios fundamen-

taes, pelos quaes o Genero Humano he unido em sociedade civil.

O que em sociedade civil he *fundamento de lide*, na sociedade politica he *fundamento de guerra*. Quando todas as combinações de atrozes factos de vizinho injusto, e innovador de más obras, impossibilitão a esperança de cessar elle de tal novidade, e violencia começada, as regras da prudencia não restringem, mas ordenão a guerra.

A obra Franceza não he huma má obra velha, cuberta com prescripção; he nova demolição, e decomposição de todo o Edificio da socidade civil, e infame architectura de covil de ladrões, assassinos, e atheos: obras de rapina, matança, e impiedade, longe de serem titulos á cousa alguma, são por isso só publicas declarações de guerra ao Genero Humano.

Esta guerra porém não he feita á França, mas á cafila dos salteadores, que exterminarão de suas casas aos respectivos proprietarios; pois as *Nações* são *Essencias moraes*, e não *Superficies geograficas*.

Supponha-se, (o que Deos não permitta) que o nosso amado Soberano fosse sacrilega-

mente morto; a sua exemplar Rainha, a Cabeça das matronas da Terra, tivesse o mesmo fado; as suas Princezas, que pela sua belleza, e modesta elegancia, são as flores do paiz, e os modelos das virtudes do seu sexo, soffressem igualmente cruel e ignominioza traição, com cem outras mãis, filhas, e senhoras da primeira distinção; os Principes de Galles, e York, esperanças e timbres da Nação, com todos os seus Irmãos, fossem obrigados a fugir dos punhaes de assassinos; todo o corpo do nosso excellente Clero fosse assassinado, roubado, e desterrado; a Religião Christã, em todas as suas communhões, prohibida e perseguida; a Lei da Terra, fundamental e totalmente abrogada; os Juizes conduzidos ao cadafalso por Tribunaes revolucionarios; os nobres, e plebeos esbulhados de suas possessões até a ultima geira de terra, e em cima empobrecidos, e aviltados; todos os Officiaes do Serviço Civil, Militar, e de Marinha, sujeitos aos mesmos desterros, confiscos, e perigos; os principaes Banqueiros, e Commerciantes arrastados ao patibulo, para o matadouro geral dos que não tinhão outra culpa senão o ter dinheiro, e fazer Commercio; os Cidadãos das Cidades mais po-

pulosas, e florentes, encadeados, e collegidos em huma Praça, e ahi destruidos á milhares com metralha de artilheria, e descargas de canhonada, por não se acharem patibulos, machinas, e algozes sufficientes para expeditas execuções capitaes; trezentos mil outros sentenciados á huma situação peior que a morte, prezos em pestilentos, e infernaes calabouços; em taes circunstancias calamitosas chamariamos por ventura Inglezes a *Facção dos malvados*, que praticassem taes desordens, e horrores? Seria o paiz onde se vissem taes tragedias, a Inglaterra, tão admirada, honrada, amada, e querida? Não reputariamos antes por unicos compatriotas os fugitivos leaes deste paiz? A terra de seu temporario asylo não se deveria considerar a *verdadeira Gram-Bretanha?* Poderia eu ser considerado como traidor á meu paiz, e digno de perder a vida com infamia, se andasse por todas as Nações da Europa batendo á todos os Paços, e Corações dos Principes da Christandade, para soccorrer os meus amigos, e vingallos dos seus inimigos? Podia nunca mostrar-me melhor Patriota? Que se deveria pensar dos Principes, que insultassem a seus Irmãos perseguidos pelos rebeldes, e que os

tratassem de vagabundos, e mendigantes? Que generosos sentimentos se poderião considerar nos que mostrando-se Geographos, em lugar de Reis, reconhecessem como os identicos paizes nacionaes as cidades assoladas, os campos dezertos, e os rios manchados de sangue, só por terem a mesma medida geometrica, depois de taes cruezas, para continuarem com os usurpadores, e malvados as mesmas antecedentes relações politicas? Que juizo fariamos da barbara protecção dos que, attendendo ás cabalas e intrigas, e *declarações dos levantados*, lhes entregassem as victimas da Lealdade de seu paiz, que lhe tinhão ido supplicar refugio no *Altar da Compaixão*, para serem sem misericordia abandonados aos Tribunaes dos bebedores de sangue, e parricidas de seu Soberano?

A oppressão e sensibilidade fazem loucos os homens sabios; mas, ainda assim mesmo, a sua loucura he melhor do que o juizo dos nescios. O seu brado he a voz sagrada da humanidade, e miseria, exaltada no santificado phrenesí da inspiração e prophecia. Na amargura d' alma, na indignação da virtude soffredora, no parocismo da desesperação, no espirito da lealdade Britannica, não clamaria eu

por cem bocas, e denunciaria a imminente destruição, que espera aos Monarchas, que considerão a fidelidade do Vassallo como torpe vicio, e que tolerão, que ella seja punida como delicto abominavel, e que só se tenha veneração aos rebeldes, traidores, regicidas, e furiosos escravos, que quebrarão os grilhões, e correm á redea solta a devastarem a terra, deixando-nos adormentar por dormideiras de aduladores, que nos allicião a descançar nos braços da morte?

Alguns citão o exemplo da paz que temos feito com os Barbarescos. Os que fizerão essa descoberta, e dão igual conselho, querem preparar-nos para a escravidão. Ha (dizem) cousas, que os homens não approvão, mas que á ellas se submettem, por se precaver maior mal. Respondo.

Por isso mesmo que já temos feito hum acto de humilhação, devemos ser cautelosos em tolerar segundo, a fim de que a humilhação não venha a ser o nosso estado habitual. Materias de prudencia são do imperio das circunstancias, e não de analogias logicas. Porém, ainda que a Constituição de Alger se assemelhe á da França, com tudo, pela nossa respectiva

situação, Alger não nos dá perigo de existencia. Não he assim a França como hoje está, revolta e regida por Atheos fanaticos. Sou seu vizinho: posso vir a ser seu escravo. Os que pertendem ter achado o feliz parallelo, não advertem na infinita distancia de quem *está á porta*, ou de quem está em mui remota distancia, e sem iguaes meios de mal fazer. Em Alger ha huma barreira de idioma e costume, que previne a corrupção das horriveis novidades da França. Posso contemplar sem medo o Tigre Real, ou Nacional das regiões do Pegú: até o posso olhar com a curiosidade dos que vão a ver animaes carniceiros na casa das feras. Tenho mais susto de hum gato de mato na minha antecamera, que de todos os leões, que urrão nos desertos da Mauritania. Alger não he vizinho de Inglaterra, e não faz obra nova: esse Estado, bem que barbaro, não está infectado de principios da desorganisação Social: o seu governo he de antiga origem, e os seus damnos se pódem calcular com certeza. Quando Alger se traspassar á *Calais*, verei então o que se deva pensar e fazer. Entretanto, o Aresto da paz com Alger não faz *authoridade de cousa julgada.*

Os Homens de Estado são postos em eminentes atalaias, para verem d'alto hum mais vasto horizonte, sobre que possão dar Ordens. Elles são os nossos naturaes regedores. Sem duvida *Razões de Estado* exigem ás vezes modificação das geraes *Maximas de Governo*: porém nunca poderáõ seguir desejos e conselhos de nossos implacaveis inimigos, sem serem responsaveis á Deos, e á Nação: fazer paz só em nome, e com precipitação, he a maior calamidade que possa sobrevir ao Publico. He nada o exemplo da França? He tudo. O exemplo he a escola do Genero Humano: elle não tem outra. Esta guerra he guerra contra tal exemplo. He guerra por toda a dignidade, propriedade, honra, virtude, e religião de Inglaterra, e de todas as Nações.

Direi huma palavra em minha apologia. Porque não me converto com tão grandes Potencias, e tão grandes Ministros, que tem feito a sua paz com os regicidas? He porque estou em 1796 com os mesmos sentimentos, em que todos os Soberanos da Europa estavão em 1793. Não me posso mover com esta *precessão de equinoxios*, que nos está preparando o retorno da *idade de oiro*, ou de alguma nova

era, que terá o nome de algum novo metal. Nesta crise, ou devo reter a minha lingua, ou fallar com franqueza. Falsidade e illusão nunca são permittidas; mas ha tambem economia da verdade, como no exercicio de todas as virtudes. Ha huma sorte de temperança, pela qual os homens devem dizer a verdade com medida, para que se possão depois melhor explicar. O que disse, digo para sempre. O que escrevo he de natureza testamentaria. Póde nos meus escritos haver fraqueza; mas elles tem a sinceridade de declaração de moribundo; visto que poucos dias me restão, e em breve serei separado da tumultuosa scena do mundo.

ROMPIMENTO
DA
NEGOCIAÇÃO DA PAZ.

Demonstração dos Recursos para continuação da Guerra.

A Negociação da Paz Regicida mallogrou-se. Não he cousa mui honorifica á estima pessoal fazer o Ministerio exposição ao Publico de suas esperanças sem fundamento, e de seus trabalhos sem fructo. Depois de recapitular os seus desvelos para obter a paz, com mortificante candura finda em dizer, que Sua Magestade entrara na Negociação *em boa fé*, mas que só tinha a lamentar o seu rompimento, *renovando á face da Europa a solemne declaração*, que, logo que seus inimigos se dispozerem a entrar em ajuste de pacificação geral, em espirito de conciliação e equidade, nada faltará da sua parte para contribuir ao complemento deste grande objecto.

Fallando com o devido respeito, e submissão ás luzes superiores, aqui não se pronuncia

sentimento de vigor. *Sua Magestade só tem a lamentar*! Pobre conquista deixada á hum tão grande Monarcha! A Nação Britannica agora apparece em caracter de penitente, convencida de seus erros, e prompta á toda a expiação, para em outro tempo instaurar a Negociação com a identica Junta de assassinos, para lhe segurar os seus confiscos, roubos, e matadouros, com que usurpárão o poder.

Dizem alguns: em tal caso só nos submettemos á força das cousas, que he hum duro adversario. Mas se os inimigos nos accusão de falsa fé, para que outra vez nos lançaremos no purgatorio da humilhação espontanea? O nosso Governo não foi o primeiro à começar a guerra. A geral confederação foi excitada pelo geral medo do Jacobinismo. Os parricidas do seu proprio paiz se disciplinarão contra os estrangeiros pela violencia domestica. Elles forão os que declararão guerra á este Reino. Era pois desnecessario dar novas provas da nossa boa fé. Ha legal presumpção contra os accusados que se justificão com demazia.

Que Nação não está instruida da soberba do Inimigo de todas as Nações? Ella tem sido mais que bem sentida, não só pelos Estados

que forão victimas de sua imperiosa rapacidade, mas até pelos que consentírão em que elle estabelecesse o seu systema de roubo, e que forão habeis em copiallo com impunidade, ou lhe cedêrão na ultima Negociação os mais florentes paizes. Os Soberanos destes paizes não tem necessidade de que lhe provemos a nossa sinceridade em fazer paz com a republica de barbarismo. Diga-o até o Veneravel Pontifice, desarmado pelo seu caracter pacifico, e cujos dominios estavão mais que meio desarmados pela paz de dous seculos. Elle, a quem pertence a gloria de fazer o *milagre de industria* de seccar as *Lagoas Pontinas* (o que não poderão os Imperadores Romanos, tendo o mundo escravo para todos os trabalhos) vendo a Séde das Artes e Sciencias roubada pelos Francezes, que se apoderarão de seus mais bellos territorios, não duvidou jámais da sinceridade da Gram Bretanha, quando lhe bradava por auxilio, querendo comprallo á qualquer preço.

Correndo-se o circulo do Systema Europêo, as Potencias que não estão ligadas á França para total destruição de todo o equilibrio do pòder pela Europa, e pelo Mundo, requerem seguranças, não da sinceridade das nos-

sas boas disposições a respeito das usurpações da França, mas da nossa affeição ao Collegio dos antigos Estados: só desejão ter penhores da nossa constancia na fidelidade e fortaleza em resistir ao poder que ameaça subjugar todas as Nações. A apprehensão de que desejão livrar-se, não he o temor da ambição de Inglaterra. O nosso poder faz a sua força. Elles esperão mais de nós, do que nos temem. O fundamento da sua e nossa esperança he a grandeza de espirito que o Povo Inglez tem mostrado, e a sua immovel conformidade aos inalteraveis principios da sua antiga politica, qualquer que seja o Governo que á final prevaleça na França. Nenhum partido interior póde desejar vêr a Gram Bretanha empenhar-se por Tratado algum á ceder-lhe ascendente, e superioridade.

Lisongeamo-nos com a esperança de que a voz publica da França obrigue os Usurpadores a proceder com mais moderação. Mas em que se funda tal esperança? Onde está a voz publica naquelle Paiz? Ahi por ventura ha alguns escritores que tivessem liberdade de escrever, desde que o Monstro Revolucionario organizou grande e regular força militar para guardallo?

Sabe o Mundo, que *na França não ha*

Publico; e que a Nação he só composta de duas ordens de pessoas, isto he, tyrannos ousados, e escravos temerosos. Alli o unico principio vital existente, he o da contenda entre os tyrannos. A maior parte dos escravos prefere antes mostrar quieta, ainda que repugnante, submissão aos que já estão saciados de sangue, e que, como lobos fartos, já são algum tanto mansos, do que expôr-se á invasão de novas esfaimadas feras. Uso foi sempre dos Inglezes, confiando na Divina Providencia, pôr a sua segurança nas proprias virtudes, e não na moderação e vontade dos seus inimigos: menos a porão na dos atrozes monstros que jámais tão horrivelmente infestarão e deshonrarão o Genero Humano.

A unica excusa que se poderia fazer á nossa Diplomacia mendicante, seria a mesma no caso de todas as outras urgencias, isto he, a *absoluta necessidade*. A necessidade, como não tem lei, tambem não tem vergonha. Porém a necessidade moral não he como a necessidade metaphysica, ou ainda a physica: ella tem muitos graos. A' espiritos baixos, a mais leve necessidade vem a ser necessidade invencivel. O preguiçoso diz — está hum leão no caminho, o

serei devorado na rua — Mas, quando, a necessidade não está em a natureza das cousas, mas só nos vicios de quem a allega, as lamentações e lugares communs de pobre rethorica, não produzem senão indignação; visto que indicão o desejo de huma existencia deshonrada, sem utilidade aos outros, e sem dignidade a si proprios. O inimigo deve ser julgado, não pelo que somos, ou pelo que desejamos que elle seja, mas pelo que sabemos e experimentamos que elle he; salvo se de proposito escolhemos fechar os proprios olhos e ouvidos, para não attendermos ao uniforme theor de todos os seus discursos, e de todas as suas acções.

A boa regra velha de *ne te quæsieris extra*, he preceito de igual valor em politica e na moral. Deixemos de especular sobre as disposições, e necessidades do inimigo. Desçamos aos nossos proprios seios. Que corações temos dentro do Estado? Quanto o Ministro Inglez confia na affeição e força do povo da Gram Bretanha? Que acha elle quando faz prova em nós do que a honra, e o interesse da Nação demanda? O effeito destas questões sobre o inimigo não he o que elle póde calcular sobre os nossos recursos, mas o que elle póde sentir dos nossos braços.

As circunstancias que acompanharão o Emprestimo de 18 milhões esterlinos, que o Governo decretou para a continuação da guerra, provão, que a nossa antiga força não está diminuida, mas sim augmentada, e que ainda está vivo o espirito da Nação Britannica, prompto sempre a ostentar a sua energia, quando a honra publica o reclama; e que elle sustenta a guerra, não como guerra de ambição e orgulho dos Ministros, mas como Guerra Nacional, para defeza da mesma propriedade, que elles despendem para conservalla, guerra para manter a ordem das cousas, pela qual elles possuem tudo quanto ha de mais valôr.

Os detractores dizem, que este emprestimo de 18 milhões esterlinos, se effeituara em razão do alto interesse que se deo.

Hum emprestimo corrupto e improvidente deve-se condemnar como qualquer outra cousa corrupta e prodiga. Mas tambem huma parcimonia de curta vista he ainda mais fatal, do que qualquer despeza extravagante. Deve-se julgar do valor da moeda, como de qualquer outra cousa valiosa, isto he, pelo seu preço no mercado. Forçar o mercado dessa, ou de qualquer outra especie de mercadoria, he a

mais perigosa de todas as cousas. Por esse expediente, de pequeno beneficio temporario, afrouxa-se para sempre a mola do Credito Publico.

Os Capitalistas tem direito de esperar vantagem no emprego de sua propriedade. Em adiantar dinheiro, elles o poem em risco, e esse risco se ha de incluir no preço do emprestimo. Se tivessem perda, ella viria a ser equivalente á hum imposto sobre esta especie de propriedade. Porém tal imposto seria o mais injusto e impolitico, pois seria hum imposto desigual; visto que elle faria carregar sobre huma classe de pessoas da Nação hum gravame, que aliás deveria recahir sobre toda a communidade, por huma distribuição regular. Ninguem deve ser della isento, sób pretexto de sua dignidade, ou da fraqueza dos seus meios. Convém nisso guardar as proporções. Desde o momento em que alguem he isento de sustentar o Estado, logo vem de alguma sorte a separar-se delle, e perde immediatamente a sua praça de Cidadão.

No contrato com o Governo para adiantamento de dinheiro, quando o Ministro o pede, tendo em vista a perda de interesse de quem o dá, immediatamente, em lugar de convenção,

se introduz violencia no ajuste. Em que circunstancias o Governo possa exigir *emprestimo forçado*, o gráo de compulsoria deve ser bem conhecido, definido, e distincto: aliás o contrato enfraquece a energia da compulsoria, e ao mesmo tempo o constrangimento destroe a liberdade do contrato. Assim a vantagem de hum e outro acto perde-se pela confusão de cousas, que, pela sua natureza, são absolutamente inconciliaveis. Tal expediente introduziria coacção em hum objecto, no qual a liberdade e a existencia são huma e a mesma cousa, quero dizer, o *Credito*.

No momento em que vergonha, medo, e força, directa ou indirectamente, se applicão ao Credito, o *Credito perece*.

Devem haver alguns inpulsos differentes do espirito publico, para se pôr, juntamente com elle, em movimento o interesse particular. Deve-se permittir aos Capitalistas dar valor ao seu dinheiro: do contrario, não haverião Capitalistas. O desejo de accumulação de moeda he hum principio, sem o qual não existirião no Estado os meios do seu serviço. O amor do ganho, ainda que ás vezes levado á excesso e vicio, he todavia a grande cau a da prosperida-

de de todos os Estados. Sendo este principio natural, racionavel, poderoso, e prolifico, pertence ao satyrico expôr o seu ridiculo; ao moralista censurar os seus vicios; ao homem sensivel reprovar a dureza e crueldade no seu emprego; ao Juiz castigar a fraude e extorsão. Mas ao homem de Estado toca o empregallo como o acha, com todas as excellencias, e com todas as imperfeições que o acompanhão. Em tal caso procede como em todos os outros casos, fazendo uso das geraes energias da natureza, do modo em que as encontra.

Além de que he hum grande e quasi geral erro imaginar, que o Estado, tomando dinheiro de emprestimo, e o particular que lho dá, são duas partes contrarias, e com interesses differentes, de sorte, que o que he dado á huma, seja tirado á outra. No modo em que se acha constituido o nosso Systema de Finanças, não se pódem bem separar os interesses das partes contractantes. Aquelle que hoje empresta com dureza, á manhaã vem a ser generoso contribuente ao seu proprio pagamento.

Por exemplo: o ultimo emprestimo foi estabelecido sobre os impostos publicos destinados a produzir dous milhões esterlinos. Parece, á

primeira vista, que esta annuidade de dous milhões he hum pezo morto sobre o publico, em favor de certos Capitalistas: mas inspectando-se a cousa mais de perto, e seguindo-se a corrente nas suas voltas, achar-se-ha haver nisso muito engano. Pois, considerando-se a despeza que cada pessoa faz da sua renda (fallo de certas classes) achar-se-ha, que hum terço vai a pagar os impostos, directos, ou indirectos. Assim a renda que o Capitalista vem a ter pelo capital que emprestou ao Governo, torna naquella proporção para o fundo publico pelo canal dos impostos. Se elle poupa alguma cousa de tal renda, novo capital se cria no Estado, cuja infallivel operação he fazer baixar o valor da moeda, e consequentemente o interesse no seu emprestimo; e o resultado disso he a melhora do credito publico.

Neste paiz os impostos, na sua maior proporção, passão por alto da cabeça das classes infimas. Elles escapão tambem muito das classes immediatas, que economizão com mais habilidade, e voluntariamente se sujeitão á rigida disciplina do estreito necessario. Trabalho e frugalidade (pais das riquezas) praticão-se entre nós com muita extensão, e prudencia. Des-

de o instante em que os homens deixão de augmentar o fundo commum, e não se enriquecem por industria e parcimonia, logo o seu luxo e ainda o seu commodo são obrigados a pagar contribuição ao publico. Se na verdade o interesse dos Emprestimos publicos não fosse pago pelo corpo da Nação, e devolvido outra vez ao seu fundo; se esta secreção não fosse absorvida pela massa do sangue, seria impossivel que a Nação tivesse subsistido até o presente debaixo de sua enorme Divida publica. Mas ella existe e florece; e o seu florente estado deve-se, em não pequeno gráo, á contribuição que tal Divida faz para o seu proprio pagamento.

Não he pois conforme á sabedoria querelar sobre os designios interesseiros dos homens, quando os seus interesses se conbinão com o interesse publico, e o promovem. O nosso negocio deve ser o ligallos, quanto he possivel, com o mais apertado nó. Recursos que se derivão de virtudes extraordinarias, como estas são mui raras, tambem vem a ser os mais improductivos. He boa cousa que os Capitalistas empenhem a sua propriedade para o bem do seu paiz; isso mostra que elles põe o seu thesouro onde tem o seu coração. Mas o projecto de se prover

ao pagamento dos Emprestimos publicos por contribuições particulares, como se propoz, mostra mais boa intenção, do que previdencia. Onde he estabelecida renda regular do Estado, as contribuições voluntarias servem unicamente a desordenar e perturbar o seu curso. Ainda quando esse meio fosse commensurado ao seu objecto, produziria muito vexame, e muita oppressão. Neste modo irregular de contribuir, o primeiro contribuente vem a ser importuno aos outros, e occasiona comparações odiosas, forçando aos mais a contribuirem antes por emulação, do que pelo real estado de suas posses. Dahi nascem inflammações, discordias, e guerra de linguas, que muitas vezes são os preludios de outras guerras. Nem se póde chamar contribuição voluntaria qualquer que não seja conforme á livre vontade de quem a offerta. Falsa vergonha, ou falsa gloria, contra os proprios sentimentos e juizos, póde taxar o individuo em detrimento de sua familia, e em fraude de seus credores. O pretexto de espirito publico póde inhabilitallo de executar os seus deveres privados. O mais perigoso de tudo he a malina disposição á que este modo de contribuição tende; pois deixa aos pobres julgar da ri-

queza, e prescrever aos ricos, ou aos que imaginão ser taes, o uso que devão fazer de seus bens. Dahi não vai senão hum passo á subversão de toda a propriedade.

Huma plausibilidade bem fundada nos grandes negocios ás vezes vem a ser hum mal real. Na França os mais nefarios e fatuos dos homens, fabricantes da Constituição revolucionaria, seguirão aquelle methodo, e findárão nos successos que estão aos olhos de todos. Esses projectistas de imposturas proposerão dous modos de contribuição voluntaria, que chamárão *dons patrioticos*, e *contribuição patriotica*, cuja somma na sua arbitraria estimativa, esperavão que chegasse á hum quarto da propriedade dos individuos. Mas achando a hum e outro modo mui inferior ás suas expectações, usarão logo de força na quota, e na collecta, e tudo isto com o pretexto de alliviar as classes mais indigentes. Mas huma vez estabelecido o principio de contribuição voluntaria, as classes infimas, e depois todas as mais classes, se atreverão a subtrahir-se á todo o methodo regular de pagamentos ao Estado, como sellos da escravidão. O resultado foi o faltar toda a renda regular, e os impostores que construirão a ar-

chitectura de fraudes, findarão em confiscar e destruir os proprietarios.

Os gritos usuaes contra os Emprestimos ao Governo tem por pretexto a grande miseria publica, pelos encargos que elles trazem sobre o povo. Mas nem o povo, nem os seus ganhos, se tem diminuido pela guerra. Elle tem tido constante emprego, e paga proporcionada ao producto da terra; e onde a terra falta ao supprimento, faz-se este conforme á operação do capital da Nação. A policia da provisão para os pobres tem continuado. O consumo de gente na guerra tem sido menos que o supprimento de novos nascidos. A prova de não haver diminuição de numero he manifesta, á vista do estado da nossa agricultura, que não se acha estacionaria por falta de braços. A prolifica fertilidade da vida campestre tem feito trasbordar o superfluo de sua população na construcção de canaes, e de outras obras publicas, que se não tem discontinuado, antes multiplicado com maior vigor.

O progresso do nosso Capital chama trabalho. As nossas manufacturas, crescendo com o supprimento do consumo nacional e estrangeiro, e reproduzindo, com os meios de vida que

elle dá, o numero de gente (que muitas dellas destroem ainda mais do que a guerra) tem sempre achado mãos laboriosas, em proporção da paga liberal. Na verdade o preço do soldado se tem levantado assaz alto; mas a grande causa disso he a repugnancia, que a classe donde se tira a soldadesca, mostra em entrar para a vida militar, não em razão de falta de gosto por tal vida (pois muitos, depois de sahirem della, voluntariamente tornão ao serviço da tropa) mas sim pela abundante occupação, e accrescido estipendio que achão nas Cidades, Villas, e Campos; o que em consequencia deixa pequeno numero de pessoas a dispôr para a milicia. O preço dos homens para novos e não experimentados modos de vida, deve estar em proporção aos proveitos do modo de existencia donde se pertende tirar. Altos salarios se pagão á quasi todos os empregos de industria. Os que estão nas classes infimas recebem mais das contribuições publicas do que as pagão; pois a collecta que se distribue para os pobres, sobe a mais de dous milhões esterlinos.

Os de *bom tom* de humanidade do tempo presente affectão lastimar-se do corpo principal do povo, que se compõe das classes vigorosas

e laboriosas, chamando-o *pobre trabalhador*. Esta alcunha não he tão innocente, como fatua. A fraqueza de entendimento que se intromette a decidir nas grandes cousas, não he sem culpa. O nome de *pobre*, usado para excitar a nossa compaixão, só pertence aos individuos que não pódem trabalhar, como os enfermos, velhos, e meninos. Todas as mais classes de individuos, que não tem outra propriedade mais do que seu engenho e braço, ou devem trabalhar, ou o mundo não póde existir. O contrario he cavillar sobre a condição do Genero Humano. Foi a commum sentença do Pai de todos os bens ao homem, comer o seu pão com o suor do seu rosto. O que tenta subtrahir-se ao trabalho, expõe-se á mais graves penas, querendo desertar a tarefa, de que o Grande Obreiro do Universo deo o exemplo no Acto da Creação. Não devemos compadecer-nos dos individuos da nossa especie, porque são trabalhadores; pois isso seria o mesmo que lamentallos por serem homens. Esta affectada piedade só póde ter o effeito de os fazer descontentes da sua sorte, e ensinar-lhes a procurar recursos onde não se pódem achar, sendo só os legitimos a industria, frugalidade, e parcimonia. Os que desconten-

tão o Genero Humano com tão estranha piedade, sem attenção ás consequencias, procedem como se fossem os nossos peiores inimigos.

As classes superiores não tem diminuido em numero. Não nos tem jámais faltado officiaes para quantos navios e regimentos se fação. Ellas não são isentas de contribuir com o seu serviço pessoal ás Esquadras e Exercitos. Elles contribuem ainda mais com o espirito que move, e dá direcção á machina politica, ostentando fortaleza, e principio firme e deliberado de valor, temperado pela honra e prudencia, sostido por generoso amor da fama, regulado e extenso pelo conhecimento dos publicos fins dos empregos, unindo a coragem do campo á do Conselho; ora conquistado com demora e constancia, ora pela rapidez da marcha e impetuosidade do ataque, sendo como Fabio, a nuvem negra nas montanhas, ou como Scipião, o raio da guerra; não desmaiando com espuria vergonha, e soffrendo não menos opprobrios e provocações do inimigo, do que as suspeitas, e detracções de seus subordinados; não perturbados por falsa humanidade, tomando sobre si a terrivel responsabilidade moral para decidir, quando a victoria he caramente comprada pela

morte de hum só homem, ou quando a segurança e gloria de seu paiz demanda o sacrificio certo de milhares de vidas.

Nas fataes batalhas em que se tem alagado o Continente com diluvio de sangue, e despedaçado o Systema de Europa, não temos ahi posto exercito de grandeza comparavel ás que em outros tempos desembarcamos, e com que nos seguramos tão gloriosamente o posto de Protectores, e não de oppressores, á testa da grande Communidade dos Estados Europeos. Então varonilmente arrostamos o inimigo na frente. Agora porém, quando o inimigo nos resigna o nosso natural dominio do Oceano, e abandona a defeza das suas possessões distantes á infernal energia dos seus principios destructores, que plantou para subversão de todas as Colonias vizinhas; sem fazermos esforços de ganhar ao menos as *obras exteriores* dos paizes inimigos, ou conquistados, que antes por seculos erão as firmes barreiras contra a ambição da França, e sem praticar os gloriosos arrojos dos tempos do nosso Edwardo e Henrique, que penetrarão com victorias até o seio da França; nos contentamos com nos entrincheirar e fortificar em casa, redobrando segurança sobre se-

gurança, para nos defender de invasão, que só agora pela primeira vez se nos tem mostrado sério objecto de susto e terror; apenas sustentando hum Systema defensivo de inerte e passiva força, e sem enterpreza alguma, tendo aliás huma Marinha de quinhentas Náos de guerra, a melhor supprida, e commandada pelos mais habeis Capitães que jámais tivemos?

Não pertendo inculcar que, se o commum inimigo do socego da Europa não nos forçasse a tomar as armas para a propria defeza, a maré da nossa prosperidade não subisse mais alto. Mas a questão só he, se existe a necessidade que tem servido de miseravel pretexto para se aconselhar a paz com elle, e que lhe rendamos á discrição as nossas conquistas, a nossa honra, a nossa dignidade, a nossa independencia, e tudo quanto he caro ao homem. Ao contrario, em toda a parte se vem as indicações do progressivo augmento da nossa riqueza, não só levada ao grande reservatorio do Capital nacional, mas tambem esparzido por todos os canaes das classes superiores, e dando á tudo vida e actividade, á proporção que passa pela Agricultura, Fabricas, Commercio, e Navegação do Paiz.

A Deputação das Finanças mostrou que, depois da guerra, tem crescido as Rendas do Estado, e que o producto annual subio á hum terço de mais. Ora os nossos principaes impostos comprehendem o estabelecimento dos ricos, e as classes medias; pois não temos impostos sobre os artigos dos alimentos os mais necessarios.

As nossas manufacturas vão em continuo augmento, e até as de seda, que são de planta forçada. Os divertimentos publicos dos Campos e Cidades são objectos que se pódem vêr e palpar pelos Homens de Estado, e elles vem a ser a medida e o padrão da prosperidade de hum paiz. A despeza, dissipação, e prodigalidade que nelles se faz, estão fóra da arithmetica da Economia politica. Mas os theatros são os criterios seguros para se fazer juizo certo em tal materia. Elles achão-se estabelecidos em todas as partes do Reino, e nelles se paga o divertimento á preço desconhecido até os nossos dias. Rara he a capital de provincia que não tenha, ou não aspire a ter, hum theatro Real. O Scenario, Vestiario, e Ornamento, são de novo esplendor e magnificencia. Essas particularidades servem a confundir a obstinação da incre-

dulidade dos espiritos pervertidos, que só se deleitão em contemplar as nossas suppostas miserias, prognosticando a immediata ruina de seu Paiz. Estas aves de má passagem nos tem continuamente arranhado os ouvidos com seus agoreiros grasnos, certo symptoma de raiva da ambição desapontada, que presentemente he de espirito maligno e perigoso; pois abate os animos com desesperação sobre os nossos meios e recursos, para nos fazerem os instrumentos dos designios dos inimigos. Para esta casta de gente mal intencionada he preciso accumular prova sobre prova, para demonstrar a nossa prosperidade, e as faculdades que temos para resistir aos destruidores das Nações.

A florente condição do povo manifestou-se pelos relatorios officiaes no Parlamento, donde se faz vêr a superabundancia do nosso Capital, descobrindo-se em dar á todas as classes muitos commodos e gosos da vida em casa, meza, mobilia, equipagem, e ainda mais nas continuas bemfeitorias das terras, e obras publicas, com que a nossa opulencia he posta em usura para desfructo da posteridade.

He brilhante a perspectiva de nossas vastas terras, ora cultivadas, que antes erão com-

muns, e baldías, depois que se multiplicárão os Actos de Parlamento, conforme á policia começada no Reino da Rainha Anna em 1723. A navegação interior tem assombrosamente crescido, desde que o Canal do Duque de *Briguewater*, primeiro architecto desta grande obra, excitou o espirito de especulação e empreza nesta via. Muitas outras obras publicas que facilitão a circulação, tem levantado as rendas das terras. Por tanto, ainda que a classe dos proprietarios seja carregada de impostos, além de adquirirem assim os meios de satisfazel-los, devem submetter-se á todos com a maior alacridade e resignação; pois que trata-se de huma guerra, em que elles, mais que qualquer outra classe, muito interessão, para evitarem os horrores da sujeição aos monstros revolucionarios, que attacão as propriedades.

A prosperidade do nosso Commercio interno e externo se manifesta por varios criterios. O 1.° he o rendimento dos correios: desde o principio da guerra, o seu producto grosso se augmentou huma sexta parte. O 2.° he o commercio de retalho. A exuberante ostentação de riqueza em as nossas lojas, deslumbrando os olhos de hum viajante sabio e distincto, fez-lhe

dizer — Os Inglezes parecem rebentar de opulencia nas ruas — O mesmo se vê em multidão de industriosos, vendedores por miudo. Sendo tal o vigor do nosso trafico nas suas mais pequenas ramificações, devemos persuadir-nos que ha solidez na raiz e no tronco. Quando vemos o sangue vital do Estado circular tão livremente nos vasos capillares do Systema, não precisamos inquirir, se o coração executa bem as suas funções. Avizinhemo-nos pois á elle, e observemos a systole e diastole, como ora recebe e expede a corrente vital por todos os membros.

O porto de Londres tem sempre dado a prova principal do estado do nosso Commercio. Varios planos se offerecerão ao Governo para o seu melhoramento. As corporações publicas representárão, que allí já não havia espaço para receber navios e embarcações; que a multidão de vasos maritimos era tão grande, que occasionava muitas avarias, e perdas, e consequente diminuição de renda; e que os cáes publicos, e as serventias das ruas, que antes davão facil embarque e desembarque, e o expediente dos transportes, estavão hoje com muitas obstrucções e embaraços, pelo sem nu-

mero de carros e carruagens que passão e repassão.

Eis a nossa desventura e miseria! Portos, praias, rios, cáes, ruas, se entupem com as nossas riquezas! Os nossos infortunios e gravames consistem em não terem mais rapido fluxo e refluxo para o Thesouro Nacional. O Ministro d'Alfandega Mr. Irwin em conta official mostrou, que, não obstante a grande sahida de nossos metaes preciosos para fóra do Estado, incluido o emprestimo ao Imperador, havia balança favoravel ao Paiz entre a sua Exportação e Importação. Até as quebras de alguns Commerciantes são prova, e consequencia necessaria, de hum Commercio florente. Quanto são mais vastas as especulações, naturalmente ha de haver maior numero de fallimentos.

Se pois este he o real estado da Nação; se em nenhuma classe tem diminuido o seu numero, fundo, commodo, e ainda o luxo; se continuamente se construem muitas e elegantes casas; se cresce, no geral, a mobilia, e variedade de trajo em todas as familias; se as equipagens cada vez são mais numerosas e esplendidas; se as mezas tem mais fartura e delicia; se, ainda nos campos, os impostos não tem impedi-

do os prazeres, e os theatros são cada vez mais cheios e brilhantes; se os thesouros empregados em cultivar, bemfeitorizar, e embellezar as terras sobejão para se confiarem aos mares e ventos; se ha visivel equilibrio entre os prodigos e os frugaes, em modo, que o Capital pecuniario cresce, longe de diminuir: que fundamento ha para se dizer que huma Nação que pavonêa no Oceano, está em decadencia? Com que face os que não negão a menor satisfação á seus appetites, ousão pretextar pobreza para esfaimar as virtudes patrioticas, e pôr os deveres civicos á curta razão, sem porfiarmos em salvar a Europa, que, á cahir sob o jugo do inimigo do Genero Humano, ha de esmagar os mais Estados com a sua ruina gigantesca? Que escusa pódem ter para se prostrarem ao throno do Crime?

A confidencia do povo no Governo demanda retribuição de sua segurança, e fixa a responsabilidade sobre os Ministros, inteira e solidaria. Exercitos, Esquadras, Thesouros, lhe são para isso dados sem restricção. Desta responsabilidade nenhum legitimo poder do Reino os póde absolver. Ha além disto a responsabilidade de consciencia e gloria, responsa-

bilidade aos contemporaneos e vindouros, e responsabilidade á hum Tribunal, ante que não só os Ministros, mas tambem os Soberanos, e as Nações, hão de algum dia responder.

APOLOGIA
DE
EDMUND BURKE
POR SI MESMO
SOBRE A SUA
PENSÃO DO GOVERNO. (*)

SER maltratado em qualquer congresso, ou escripto, pelos enthusiastas da nova seita de falsa politica, de que algumas nobres pessoas pensão com tanta caridade, e outras julgão com tanta justiça, não he materia de angustia, ou admiração. Ter incorrido no desagrado de taes pessoas, he receber a unica honra, que ellas pódem dar; e he prova de haver eu obtido huma parte dos meus esforços na Causa da Humanidade. Não dei de modo algum offensa pessoal á esses que se intitulão *patriotas*: a parte que tomão contra mim, he só por zelo do seu partido.

Retirado, como estou, do mundo, e de todos os seus negocios, e prazeres, aquelles

(*) Deo motivo á esta Apologia o publico attaque que no Parlamento, e por escrito, fez o D. B. contra Mr. Burke, sendo o Chefe do Partido da opposiçá ; na Camara Alta, e o mais rico Proprietario de Inglaterra por antigas doações da Corôa.

Senhores soprarão em mim a faisca dos sentimentos quasi extinctos, dando-me viva satisfação de ser assim por elles attacado. He algum lenitivo ás dores do meu espirito o ter sido recommendado á Beneficencia do Throno por hum habil, vigoroso, e bem instruido Homem d' Estado, digno de si mesmo, e de sua causa, pelos serviços que fiz á salvação da Pessoa e do Governo do nosso Soberano, e consequentemente para segurança das Leis, liberdade, moral, e vidas do seu povo. O ser unido á tão grandes objectos, na verdade he distinção. A melancolia não póde deprimir-me tanto, que me faça insensivel á tal honra.

Para que os partidistas da Revolução Franceza não me deixão na escuridade e inacção? Receão, que, se me restar hum atomo de vida, a Seita ainda tenha alguma cousa de temer? Mas quando eu fosse aniquilado, deixaria, como o antigo João Zisca, a minha pelle, para se fazer hum tambor, que com seus golpes retumbasse bem ao longe, a fim de animar a Europa á *guerra eterna* contra a tyrannia que ameaça esmagar o Continente, e a toda a raça humana.

A materia he de tremenda meditação. Os

annáes historicos ainda não tem fornecido hum exemplo de completa revolução como a da França. Esta revolução parece haver-se extendido até á constituição do espirito humano. Ella tem em si o prodigio, que *Bacon* diz das operações da natureza: he perfeita, não só nos seus elementos, e principios, mas em todos os seus orgãos, e membros. O phenomeno moral da França dá hum padrão unico no seu genero, e nunca visto no mundo; e he, que *todos, que o admirão, logo se lhe assemelhão.* Elle vem a ser o inexhaurivel repertorio de toda a casta de máos exemplos. Até na minha miseravel condição, ainda que já apenas me possa classificar entre os vivos, não estou seguro. Os Sectarios do *Partido Francez* tem tigres para cahirem sobre qualquer força animada: tem hyennas para preiarem os cadaveres. A collecção de feras he completa, e feita pelos primeiros physiologistas do seculo, e só he defeituosa na sua natureza salvagem. Elles me assaltão ainda no mais escuro retiro, e urrão perante os Tribunaes revolucionarios. Nem sexo, nem idade, nem o santuario da sepultura, he para elles cousa sagrada. Elles negão ainda aos mortos a immunidade do tumulo. São capazes de vexa-

rem o sepulchro dos que predisserão o seu fado, ainda que lhes bradem — *deixem-me*, — *deixem-me repousar* —.

A minha *Pensão mortuaria* (*) não foi o fructo da venalidade, nem a producção da intriga, nem o resultado de compromisso, nem o effeito de solicitação ao Soberano, ou á seus Ministros. Bem lhes era conhecido, que eu estava resolvido á total retiro. Executei este designio. Estava inteiramente fóra de estado de servir, ou desservir, á algum Estadista, ou Partido, quando os Ministros tão generoza e espontaneamente me impetrarão o beneficio da Corôa. Quando não podia mais ser-lhes de prestimo, elles contemplarão a minha situação; quando não podia mais incommodar a ninguem, os do Partido Revolucionario espezinharão a minha enfermidade. A minha gratidão foi igual ao beneficio conferido. Elle me veio em hum tempo de vida, e em estado de espirito, e corpo, que nenhuma circunstancia de fortuna me podia dar prazer. Não foi minha culpa, que o

(*) He a que se chama Pensão do *otium cum dignitate* de 3 mil libras esterlinas cada anno, que o Governo dá aos grandes Servidores do Estado no ultimo quartel da vida.

Bemfeitor Real, e os seus Ministros, dignando-se reconhecer o merito de hum Servidor Publico invalido, adoçassem as affligões de hum homem desconsolado.

Não me está bem o fazer jactancia de cousa alguma: porém estar-me-hia mal desapreciar o valor de huma longa vida, consumida com exemplar trabalho no serviço do meu paiz. Pois que os meus serviços, em razão da industria que nelles mostrei, e firmeza de minhas intenções, tem conseguido a acceitação de meu Soberano, seria absurdo pôr-me á par dos Cabeças, Membros, e Protectores da *Sociedade correspondente* (*), ou, quanto em mim está, permittir disputa sobre a taxa da recompensa, que foi fixa pela Authoridade Suprema, estabelecida pela Constituição do Paiz para avaliar taes cousas.

Libellos soltos devem-se deixar passar em silencio, e desprezo. Quem serve ao Publico, está sujeito ás calumnias da malicia, e aos juizos da ignorancia. Mas alguns adquirem im-

(*) Assim se chamava o Clubo ou Congresso Inglez em Londres presidido por Priestly, e que tinha aberta e notoria correspondencia com a Revolucionaria Assemblea da França.

portancia pela nobreza das pessoas que os fazem, e pelo lugar onde se divulgão. He então necessario tomar conhecimento delles. Justificar-me, não he vaidade, e arrogancia; he demanda da justiça; he demonstração de gratidão. Se sou indigno da remuneração, os Ministros forão peiores que prodigos. Deve-se-me conceder neste ponto huma liberdade racionavel; pois estou em necessidade de defeza: nem á hum réo ordinario se força defender a sua causa em ferros. Dezejo guardar a possivel decencia. De qualquer modo que eu seja visto aos olhos das nobres pessoas dos meus accusadores, a sua situação me impõe profundo respeito. Se passar as balizas, como elles quizerão abaixar-se ao meu nivel, a confusão dos caracteres póde produzir alguns erros, e ainda fazer prescindir de privilegios.

Com esse protesto, já dou de suspeitos a todos os Tribunaes revolucionarios, onde se tem posto homens á morte, sem outra razão mais, do que o terem recebido favores da Corôa. Reclamo, não a letra, mas o espirito da velha Lei Ingleza, de *ser sentenciado pelos meus páres.* Por isso interponho Declinatoria á Jurisdicção dos que são de ordem superior. Além de que, no

Coryphêo do partido, quaesquer que sejão as suas habilidades, não posso reconhecer, pelos seus poucos e inertos annos, a legal competencia para julgar da minha longa, e laboriosa vida. Pobre ricaço! Elle apenas póde saber alguma cousa da industria publica nos seus esforços de avaliar o salario dos seus obreiros mechanicos, quando a obra he feita. Não duvido da sua destreza em todos os calculos de *Arithmetica vulgar*; mas suspeito, que he pouco estudante na *theoria das proporções moraes*, e que não tem aprendido a regra de tres na Arithmetica politica.

Pensa o meu Censor que tenho alcançado muito. Respondo, que os meus esforços, quaesquer que sejão, forão taes, que nenhuma esperança de premio pecuniario poderia jámais recompensar. Entre dinheiro e taes serviços, sendo feitos por homem mais habil do que eu, não ha principio commum de comparação: são quantidades incommensuraveis. Dinheiro serve para conveniencia da vida animal. Porém não póde haver remuneração de dinheiro para obras, que a mera vida animal só póde manter, mas nunca póde inspirar. Poderei sustentar diante de Sua Magestade, que não tenho recebido

mais do que mereço! Não: mui longe isso de mim. Na Real Prezença, não reclamo absolutamente direito algum. Tudo para mim foi favor, e bondade. O estilo para o Magnifico Bemfeitor he hum, e para o orgulhoso e insultante inimigo he outro.

Pertende-se aggravar a minha culpa, increpando-se-me pela acceitação que fiz do donativo de Sua Magestade, como aberração das minhas idéas, e do espirito do meu anterior procedimento official, e systema de Economia Publica. Mas eu não contradigo as minhas idéas de economia, mas sómente as idéas de economia do meu Censor. Tal acceitação não traz incoherencia alguma á letra, e espirito dos meus Actos do Parlamento, quando em 1780 propuz a *Reforma Economica do Paiz*. O primeiro systema custou-me trabalhos incriveis. Se o systema Militar, ou a geral Economia das nossas Finanças, tiverão nisso melhoramento, deixo a julgar aos que tem conhecimento do Exercito, e do Erario. Nessa época, ainda só o tentar introduzir methodo, e algumas limitações no Serviço, excitava clamor, e se dizia ser absurdo. Nada então se propunha senão grosseiro córte de pensões,

ou o mais grosseiro plano de impostos, sem designio, sem combinação, e sem a menor sombra de principio. O meu juvenil Censor deve pedir informação sobre esse tempo, que foi hum dos mais criticos periodos nos nossos annáes.

Os Astronomos tem supposto, que, se certo Cometa, interceptando a Ecliptica, encontrasse na sua passagem a terra em certo Signo (que me não lembra) a levaria de roda com elle no seu curso eccentrico á incognitas regiões de calor, e frio. Se o portentoso Cometa dos *Direitos do homem* (que da sua horrida cauda sacode pestilencia, e guerra, e, com medo de mudança, faz perplexos os Monarchas (*) se esse Cometa, digo, cortasse o interior Estado de Inglaterra, nenhuma força humana poderia prevenir o ser irresistivelmente arrebatado da grande estrada da felicidade publica que goza, e precipitado de cabeça abaixo nos vicios, crimes, miserias, e horrores da Revolução Franceza.

O meu nobre Censor considerou-me só como *Economista*. Quando, desde a minha mocidade, fiz a economia politica objecto dos

(*) Milton Poema do *Paraizo perdido.*

meus humildes estudos, esperei sempre, que os meus serviços ao Estado serião de algum valor. Desde que propuz a dita Reforma Economica, esforcei-me em converter a minha vida publica em permanente vantagem da Nação. Não reservei para mim senão a intima consciencia da boa intenção; e não omitti trabalho algum em animar, disciplinar, e dirigir as habilidades do paiz para o serviço publico, e pôllas na melhor via de adiantarem, e ornarem os seus dotes. Professei a liberdade civil, como inseparavel da ordem, virtude, moral, e religião; mas não a segui com hypocrisia, e fanatismo; certo de que, sendo tal liberdade a primeira das bemaventuranças, quando he retida nos justos limites, todavia, pela sua perversão, se póde constituir a maior praga do Genero Humano. Não procurei popularidade, e poder, como he o alvo dos que se tem distinguido em propor huma liberdade irracional, e indefinida, qual se proclama na França barbarizada.

As minhas reformas economicas não consistem na extinção de huma pensão, ou de hum emprego de mais, ou de menos. A economia nos meus Planos, he, como deve ser, secundaria, subordinada, e instrumental. Eu obro por Ma-

ximas de Estado. A *Reforma não he mudança na substancia das cousas; mas directa applicação do remedio aos gravames de que ha justa queixa.* Removidos aquelles, o mais vai seguro.

Reformar não he innovar linha por linha. Os Revolucionarios Francezes queixarão-se de tudo, e nada reformarão: quizerão mudar tudo, e *as tristes consequencias de suas phantasias estão ante nós, e sobre nós.* Elles abalarão a segurança publica; tolherão a paz, e o gozo das familias; acanharão o crescimento das crianças; turbarão o descanço dos velhos; fizerão parar ao viajante na estrada; atropellarão o lavrador no campo; interromperão os negocios da Cidade; o nosso descanço acabou-se; os nossos prazeres destruirão-se; os nossos estudos se empeçonharão, e perderão; a sciencia tornou-se peor que a ignorancia, pelos enormes males da sua horrorosa e total innovação. As obscenas harpyas da Revolução da França surgirão da anarchia do cáhos, que gerou tantas cousas monstruosas, e prodigiosas; e voando sobre nossas cabeças, casas, e mezas, nada deixarão impoluto, e não contaminado. Quadra-lhes bem a descripção que Virgilio faz das furias do Averno,

Tristius haud illis monstrum, nec sævior ulla
Pestis, et irâ Deum, stygiis sese extulit undis.
Virginei volucrum vultus, fædissima ventris
Proluvies, uncæque manus, et pallida semper
Ora fame. —

Não foi o meu amor, mas o meu odio, á *innovação*, que produzio o meu Plano de *reforma*. Sem me turbar com a excepção de diagramma logico, eu considero a taes cousas como oppostas. Elle foi offerecido para prevenir o mal. Destinei bemfazer ao povo, e não inflammallo, e seduzillo. Eu não me arrogo o merito do bem positivo, mas o da prevenção de desordens. Não propuz novo modelo da Casa dos Communs, e dos Lords, nem o mudar a authoridade da Corôa, e do Ministerio, nem alterar o systema dos Tribunaes, e da Administração. As minhas reformas forão saudaveis, e mediadoras. Não concebi nada de arbitrario; não propuz cousa alguma, que se houyesse de fazer ao prazer dos outros, nem ainda ao meu prazer. Desde a aurora do meu entendimento, aborreci todas as operações de opinião, inclinação, e vontade arbitraria nos negocios do governo, onde aliás só a soberana *razão* deve dictar o justo; visto que só ella he o fundamento

de todas as fórmas de Legislação, e Administração. O Governo he feito para o fim de oppor razão ao capricho, tanto dos reformados, como dos reformadores.

Sempre me propuz o pôr em cautella o povo contra o *maior de todos os males*, isto he, hum *cego, e furioso espirito de innovação, debaixo do nome de reforma*. Ainda havendo cousas que exijão reforma, não he o proprio tempo dellas, quando ha convulsões politicas, e desgraças nacionaes. Quando sobrevem terremoto, não he então o momento mais bem escolhido para accrescentar hum andar novo ás casas, e alinhar quarteirões.

Na minha Reforma Economica sustentei, que a *Folha das Pensões* devia ser sempre hum fundo sagrado, e aberto. Eu a deixei intacta, como Principio Politico. Não tive a ousadia de roubar á Nação todos os fundos applicados a remunerar o merecimento. Procurei só assignar o devido marco contra a disposição arbitraria. Não vim ao Parlamento para estudar a lição: mas entrei logo preparado, e disciplinado para a guerra politica; e, desde o principio, achei necessario analysar os Interesses do Commescio, das Finanças, da Constituição, e dos Nego-

cios Estrangeiros do Imperio da Gram Bretanha. Muito fiz, e muito mais faria, se os successos do tempo melhor permitissem. O vigor da minha idade, e constituição se abatêo sob o cargo do meu trabalho. O Parlamento foi testemunha dos seus effeitos, e se aproveitou, mais ou menos, de seus serviços em 28 annos.

Não tenho as qualidades, nem cultivei as artes, que recommendão os homens ao favor, e á protecção dos Grandes. Não fiz jámais de valído, e de instrumento servil de ninguem. Nada sei dessa especie de commercio, que ganha corações do povo, fazendo imposturas sobre o seu entendimento. A cada passo da minha carreira da vida publica, encontrei huma cancella e barreira, em que era preciso aprezentar o meu passaporte, e sempre mostrar, que o meu unico titulo para andar a diante, era o ser util ao meu paiz, dando provas de não ser inteiramente sem instrucção de suas Leis, e do systema de seus interesses dentro e fóra da Nação. Sem isso, nenhuma honra haveria para mim, e nem ainda tolerancia da pessoa.

Nunca invejei, nem obstei, a gratificação dos meritos alheios. Sempre considerei, que a recompensa dos Serviços publicos não só

era ornamento publico, mas tambem exacta justiça; e que a mesquinheza nesta parte era iniquidade, e a peior economia do mundo, pelas suas pessimas consequencias. Por huma fria penuria na remuneração dos Serviços crestão-se todas as habilidades da Nação, e obsta-se á elasticidade de suas mais activas energias, e o mal vai além de todo o calculo. Por isso não impugnei jámais as pensões, que se derão aos *homens de talentos*, e aos *homens de Serviços*.

Ordem, e *Economia* são cousas estaveis, e eternas, como todos os bons Principios do Governo o devem ser. Certa particular ordem de cousas póde ser alterada; mas a ordem geral não perde o seu valor. As ordens particulares são variaveis como o tempo, e as circunstancias. Leis de regulamentos municipaes não são leis fundamentaes. As urgencias publicas são as dictadoras de taes leis. Pertence julgar de sua propriedade aos que exercem o poder legislativo.

Póde o que vou affirmar ser cousa nova ao meu Censor; mas peço licença para dizer-lhe, que *mera parcimonia não he economia.*—*Despeza, e grande despeza, póde ser parte essencial da verdadeira economia*. Se mera parci-

monia se devesse considerar como huma especie de virtude, a verdadeira economia deveria sempre reputar-se outra, e muito mais alta virtude. A *Economia he huma virtude distributiva, e consiste, não em poupar, mas em saber escolher os tempos e objectos da despeza.*

A parcimonia não requer previdencia, nem comparação, nem juizo. Méro instincto (e não instincto do mais nobre genero) póde produzir na maior perfeição huma falsa economia. A outra economia tem vistas mais largas. Ella demanda hum juizo prudencial, que sabe distinguir valores, e hum espirito sagaz, e firme para sustentar as regras. Ella fecha a porta á importunidade impudente, e abre outra muito mais vasta ao merito sem presumpção: só recompensa o real talento, e o serviço relevante. Com esta economia, á nenhuma Nação faltaráõ os meios de remunerar todos os serviços, que se lhe prestarem, e animar todos os talentos que produzir. Nenhum Estado, desde o estabelecimento da Sociedade, se empobreceo por esta especie de profusão. Se em todos os tempos se tivesse observado a economia de ordem e proporção, não veriamos a desmarcada excrescencia da riqueza do meu Censor opprimir a real

industria da gente humilde, e limitar pelas suas mesquinhas idéas a justiça, a beneficencia, ou (como for do seu agrado chamar) a *caridade da Coroa.*

Póde o meu Censor pensar quanto quizer baixamente dos meus meritos: tem a liberdade de fazello. Mas sempre haverá alguma differença de opinião no valor dos Serviços politicos. Em mim há hum merecimento, que ninguem entre os vivos porá jámais em questão. Tenho sustentado com grande zelo, e com algum gráo de successo, os principios, que sustentão a pezada massa de nobreza, opulencia, e titulos de quem me accusa, prevenindo, que não cahissem ao nivél da que a meretricia facção franceza (em que elle achou tanta graça); não omittio esforço de reduzir. Tenho extendido todos os meus nervos, para que esse Senhor, com os da sua Ordem; se mantenha na situação, em que sómente me he superior, sustentando eu o que se póde chamar *preventiva policia da moralidade*, com todas as maximas rigidas e censorias dos antigos moralistas, bem recebidas com veneração pelo velho, e severo Catão, e em que forão doutrinados os Scipiões, e a Nobreza Romana na flor da sua vida. Mas es-

ses mestres, e discipulos, acabarão com a revolução: só resta a vil, e illiberal Academia Franceza dos *Sansculotes* (*sem calções*) onde hum cavalheiro nada tem que aprender.

O horrido estado dos tempos, e não a minha justificação, he o objecto deste escrito: de mim fallo por incidente. O meu Censor invoca a attenção da Camara dos Pares, para accusar a Mercê da minha Pensão, que considera passar todos os limites. Parece que quando meditava esta sua bem considerada censura, estava dormindo. Homero cabecêa, e o meu Censor sonha, e sonhos doirados, considerando tambem as Mercês da Coroa ao fundador da sua familia. Na verdade estas forão tão enormes, que não só ultrajão a verdadeira economia publica, mas até lhe tirão a credibilidade. Elle he o *Leviatham* entre todas as creaturas da Corôa. Tudo quanto tem he da Corôa. Era porventura o mais proprio para contestar-me a liberalidade do favor Real?

Seria grosseira adulação, e a mais incivil ironia, o dizer, que elle tem alguns proprios serviços publicos, pelos quaes alcançasse as suas vastas pensões teritoriaes. Os meus meritos, quaes quer que sejão, são originaes, e pessoaes. Foi

hum seu antepassado o primitivo Pensionario, que estabeleceo esse fundo inexhaurivel de merito, que ora o faz tão delicado, e cheio de contradictas, sobre o merito das Doações da Corôa. Se me deixasse ficar quieto, eu diria: *que nos importa a historia? foi a fortuna do homem.*

Mas *o meu Censor*, attacando-me, força-me com repugnancia a comparar o meu pequeno merito com o que lhe alcançou da Corôa esses prodigios de profusa Mercê, com que agora supplanta os individuos humildes, e laboriosos. Os Chronistas dos Brazões não procurão maior merecimento, que o constante do preambulo das Patentes, ou da inscripção das sepulturas. Elles julgão da capacidade do homem para Officios publicos, pelos empregos que occupou: mais officios, mais habilidades. Mas esta não he a regra dos que escrevem para a posteridade; nem esses são os documentos da historia politica das Nações, e dos meritos transcendentes dos que tem firmado os Imperios, e contribuido á estabilidade da Sociedade Civil.

O merito do primordial Donatario da Corôa, donde o meu Censor deriva tanta força e opulencia, foi o ser prompto, e ambicioso ins-

trumento do Tyranno Henrique VIII., que opprimio todas as classes do povo. O meu merito consiste em ter resgatado da oppressão a todo o homem, e toda a classe de pessoas; e particularmente em defender a Alta Nobreza, que, no tempo dos Principes e demagogos confiscadores, são os mais expostos á animosidade, avareza, e inveja. Sustentei com incessante vigilancia todos os justos direitos, e privilegios de todas as Ordens do Estado, em a Séde do Imperio Britannico, em toda a Nação, em toda a terra, para defeza da Religião, e Ordem Civil. A minha arte tem sido, sob os auspicios de hum Soberano benevolo, promover o Commercio, as Manufacturas, e a Agricultura do Reino, em que elle mesmo dá o mais eminente exemplo, mostrando-se Patriota ainda nos seus divertimentos, sendo nas horas do descanço o Lavrador de suas terras.

O merecimento do Fundador da casa do meu Censor foi o de hum cavalheiro, que se elevou por ardís á protecção do Ministro *Volsey*, e á eminencia de hum grande, e Poderozo Senhor, e cuja habilidade só consistio em instigar o tyranno para injustiça, e irritar o povo para a rebellião. O meu merecimento foi

excitar a parte mais sabia do paiz para se guardar contra qualquer poderoso Senhor, contra qualquer numero de poderosos Senhores, e contra qualquer colloio de grandes demagogos de toda a sorte, se acaso tentassem caminhar na mesma carreira, que os Francezes para perverterem a boa ordem, assulando o baixo povo para a insurreição, e tyrannia.

O merecimento politico do primeiro Pencionario da familia de Sua Senhoria foi, que, sendo Conselheiro d'Estado, deo conselho, e concorreo á execução, de huma paz deshonroza de Inglaterra com França, entregando-lhe a fortaleza de Bolonha, que era o antemural do Continente, e, por esta entrega, tambem depois se rendeo *Calais*, a chave da França, e o freio da boca desta potencia. O meu merecimento tem sido o resistir ao poder, e orgulho da França, e empregar todos os meios de excitar o espirito do Parlamento, e do Povo, para continuarem com vigor, e resolução, na mais justa e necessaria guerra, que jámais houve no mundo; a fim de salvar o meu paiz do ferreo jugo dos Francezes, e ainda do mais terrivel contagio dos seus principios, e preservar pura, e immaculada a antiga virtude, piedade,

e o bom natural do Povo Inglez, da mortifera pestilencia, que, principiando na França, ameaça devastar o mundo moral, e até em alto gráo, o mundo physico. Procurei merecer em tudo isto a inteira approvação da consciencia, e em consequencia recebi livres, publicos, e solemnes graças da Nação. Este merecimento, puro e novo, sahio acrisolado e limpo da Casa da moeda da honra.

He proprio de huma tal nobreza sem mancha ser o propagador de hum fundo de honra, ou a raiz della. Assim glorio-me de poder tambem ser o fundador de huma familia; pois deixo hum filho que se distingue em todas as partes, em que póde ser visto o merecimento pessoal, tendo todas as prendas liberaes de genio, estudo, sciencia, erudição, gosto, honra, humanidade, generosidade; e confio que elle não se mostrará no serviço publico inferior em cousa alguma ao meu Censor, ou á algum de sua lineal prosapia.

Prostrado como estou á terra, cordialmente me resigno e reconheço a Divina Justiça. Mas, quando me humilho diante de Deos, não vejo que seja prohibido repellir os attaques de hum homem inconsiderado, e injusto. Passa em pro-

verbio a *paciencia de Job*. Depois de convulsivos estrebuxos da indignação de nossa irritavel natureza, elle submetteo-se á Providencia, e se arrependeo, fazendo penitencia no pó, e cinza. Mas nem por isso deixou de reprehender com aspereza de palavras, ainda os amigos que o forão insultar.

He phenomeno singular ver a hum dos maiores donatarios da Corôa comparando odiosamente a Mercê da mesma Corôa com o merito do defensor da sua Ordem. Quando as pessoas da maior nobreza perdem o decoro, perdem tudo.

Sem se fazer muita especulação sobre governos, e seguindo-se unicamente o seguro instincto de sentimentos ingenuos, e os dictames de hum entendimento candido, e não offuscado por sophismas, reconhece-se, que nenhum grande Estado póde subsistir por muito tempo sem hum Corpo de Nobreza, de qualquer sorte que seja, condecorado com honra, e fortificado por privilegios. Esta Nobreza fórma a cadeia que liga as idades da Nação: do contrario, huma geração não teria vinculo com a outra. Nenhuma fabrica politica póde ser bem construida sem huma tal ordem de cousas, que pela

serie dos tempos dê racionavel esperança de segurar a unidade, coherencia, e firmeza do Estado. Nada póde tanto como o Corpo da Nobreza para proteger o Estado contra a leveza dos Cortezãos, e ainda mais contra a maior leveza do vulgo. Elle não existe para mal das outras ordens, mas sim por ellas, e para ellas.

Pertender conservar huma Monarchia hereditaria, sem tambem manter alguma cousa de reverencia hereditaria ao Estado, foi conceito absurdo de espiritos baixos, que aspirarão a ser grandes velhacos, forjando em 1789 a moeda falsa da Constituição Franceza. He fatal objecção á todas as novas phantasticas republicas, que o *prejuizo da Nobreza* não he cousa que se póssa forjar. Ella póde ser melhorada, corrigida, e completa. Póde-se do Corpo da Nobreza tirar membros indignos, e aggregar-lhe estranhos, que mereção ahi entrar; mas não se poderá abolir. A cousa em si he materia de opinião inveterada, e não póde ser artefacto de instituição positiva. Nenhuma pessoa de virtude póde olhar sem horror e desprezo o impio parricidio commettido sobre todos os seus avoengos, e o desesperado assalto para assassinar a toda a sua posteridade, como praticarão na França,

os Orleans, Rochefocauts, Perigords, e outros Fidalgos da primeira nobreza, que desertarão os da sua Ordem, como endemoninhados, possessos de espirito de orgulho decahido, e de perversa ambição, os quaes trahirão as suas familias, e as mais sagradas confidencias das pessoas de proprio sangue, causando á si mesmos, á innumeravel gente, e á sua Nação, as mais lastimosas desgraças. Pertendem tão detestaveis caracteres, que lamentemos depois os seus infortunios? Não temos constituição para compadecermo-nos ao mesmo tempo do oppressor, e do opprimido.

O nosso paiz, e a nossa raça; em quanto a compacta estructura da nossa Igreja e Estado, o Sanctuario da antiga Lei, defendida pela reverencia, e segura pelo poder, sendo igualmente huma fortaleza e hum templo (*), se mostrar inviolada no baluarte da Sião Britannica; em quanto a Monarchia Ingleza, limitada pelas ordens do Estado, exaltando-se em magestosa proporção, for defendida com o dobrado cincto das suas torres; nada terão a te-

(*) *Templum in modum arcis*: assim se explica Tacito, fallando do templo de Jerusalem.

mer de todas as fouces dos nivelladores da França. Mas se a invasão do tumulto Gallico, com os seus *sophisticos direitos do homem*, e com as suas espadas para fazerem contrapeso á balança, for introduzida na Cidade pelo povo illudido, e instigado por grandes homens orgulhosos, elles mesmos cegos, e embriagados por ambição phantastica, todos nós perecere-mos, e seremos abysmados em ruina commum. Quando hum grande temporal cahe sobre as Costas, elle arroja á praia não menos as baleas que os mariscos. Então os que cavillão sobre a minha pensão, não sobreviveráõ tambem á este pobre pensionario da Corôa, a quem desprezão.

Se o meu nobre detractor pertende fazer proselytos, olhe bem para o caracter da Seita, cuja doutrina he convidado a abraçar. Ingratidão aos bemfeitores he a primeira das virtudes revolucionarias. Ella he o compendio de suas quatro virtudes cardeaes, amalgamadas e concentradas em huma só. Os Sectarios, vendo-lhe a ingratidão á Corôa, que creou a sua familia, allegaráõ tambem igualdade de direito e dever, para lhe pagarem na mesma especie, e depois rir-se-hão de seus sellos e perga-

minhos. Além de que *todo o dever do homem* em tal Seita consiste em *destruição*.

Na Revolução Franceza tudo he novo; e, por falta de preparação dos meios proprios para sahir-se de encontro á tão imprevisto mal, tudo nella he perigoso. Em nenhum tempo jámais se vio huma multidão de homens literarios, transformados em companhia de ladrões e assassinos, tomarem o porte e tom de *Academia de philosophos*, (*) sendo formidaveis como inimigos, e medonhos como amigos. Antes parecião mansos, e ainda carinhosos: e nada tinhão mais na boca que *a doce humanidade*. Elles não podião supportar o castigo das mais brandas leis contra os maiores malvados. A mais leve severidade da

(*) Deve-se notar, que esta censura de Mr. Burke só justamente póde recahir sobre os philosophos superficiaes: he impossivel que os profundos philosophos não sejão homens de letras da mais solida piedade e humanidade. *Bacon* bem disse, que *pouca philosophia* fazia os homens athêos, porém que *muita philosophia* os fazia religiosos. *Newton*, o maior philosopho do mundo, e que melhor conheceo as leis do Creador, nunca ouvio pronunciar o Sacro-Santo Nome de Deos, sem que fizesse com a cabeça o signal da mais reverente submissão. Que bens não tem feito á Humanidade aquelle e outros semelhantes philosophos? A verdadeira philosophia, que em Inglaterra progressivamente se adianta, servio ahi de *muralha da China* contra a invasão dos Tartaros Gallicos.

Justiça fazia arripiar-lhes as carnes. A menor idéa de existir guerra no mundo, turbava o seu repouso. Para elles, gloria militar não era, indistinctamente, mais que esplendida infamia. Ouvindo fallar sobre a necessidade da defeza natural para resistir-se ao aggressor, logo a reduzirão á taes limites, que não deixarão aos accommettidos defeza alguma. Com tudo vimos o que aconteceo, e quantas pessoas soffrerão pela cannibal philosophia da França, sua sciencia experimental, e extensa analyse em todos os ramos civis e politicos.

Sem ter consideraveis pertenções de literatura, todavia aspirei ao amor das letras. Os homens de conhecimentos e talentos são os principaes dons da Providencia ao mundo. Mas, logo que lanção fóra de si o medo de Deos, e dos homens, mais horrivel calamidade não póde vir á Terra, quando podem obrar em corpo. Não ha coração mais duro do que o de hum Methaphysico athêo: elle approxima-se á malignidade dos máos espiritos, e se assemelha ao principio do mal, sem mistura de algum bem. Não he facil arrancar do peito humano o que *Shakespeare* chama *compuncções visitadoras da natureza*: estas batem algumas vezes aos

corações dos malvados, e protestão contra as suas especulações mortiferas. Mas os sabios da Nação Franceza tem os meios de se comporem com a propria natureza, nem vem o seu projectado bem senão pelo caminho do mal. A sua imaginação não se fatiga com a idéa dos soffrimentos humanos, ainda por seculos de miseria e desolação. A sua humanidade está no seu horizonte; e, á semelhança do horizonte, ella sempre foge diante delles.

Os seus geometras e chimicos são ainda peiores que indifferentes a respeito dos sentimentos e habitos que sustentão o mundo moral. Os seus philosophos, infatuados com ambição, e não receando perigos, só considerão os homens como os animaes que se mettem no recipiente da machina pneumatica, donde se faz sahir o ar mephytico. As terras dos grandes proprietarios são irresistiveis convites para huma *experiencia agraria*: a sua posse immemorial lhes parece insulto contra os direitos do homem. Atégora consideravão as grandes herdades territoriaes de Inglaterra como totalmente improductivas, e para nada servindo senão para engordar touros, e produzir grãos para cerveja, e ainda mais para estupificar o *bronco entendimento Inglez*.

Agora já a demarcão para os seus beneficios revolucionarios.

O Abbade *Sieyes* tem na sua Carteira ninhos, como de pombos, cheios de Constituições para todos os paizes, já promptas, selladas, sortidas, numeradas, e accommodadas á toda estação e phantasia. Humas são distinctas pela sua simplicidade, e outras pela sua complicação; varias, são de côr de sangue, e algumas de côr de *lama de Pariz*; humas tem Conselhos de velhos, e Conselhos de moços, e certas não tem Conselho algum; algumas, em que os Eleitores escolhem os representantes, e outras, em que os representantes escolhem os Eleitores; humas, em que os Legisladores tem habitos talares, e outras, vestidos curtos. &c. &c. Assim nenhum especulador em Constituições deixará de achar naquella officina huma que lhe accomode, com tanto que ame o padrão de todas ellas, adoptando rapina, oppressão, prisão arbitraria, juizo revolucionario, confisco, desterro, premeditado assassinato, feito com fórmas de lei. Elles tem achado a arte de extrahir nitro, para fazer polvora, até das *ruinas* que fizerão das propriedades, (*) e

(*) No relatorio feito no 1.° de Fevereiro de 1794 perante a chamada Convenção Nacional lê-se o seguinte: ,, até o presente as cousas não tem sido exploradas devidamente, e de maneira revolucionaria. Os Castellos e Fortalezas feudaes, demolidos pelas vossas ordens, attrahirão a attenção dos vossos delegados. A natureza ahi tem secretamente revindicado os seus direitos, produzindo salitre, como de proposito, para facilitar a execução do vosso decreto, *preparando os meios de destruição*. Destas ruinas temos extrahido os meios de produzir o bem, para esmagar traidores, e abysmar descontentes. As Cidades rebeldes tem dado larga quantidade de salitre. etc. ,,

Cidades, a fim de fazerem outras *ruinas*, e assim ao infinito.

O meu detractor accusa-me de ser o author da guerra. Se eu tivesse hum espirito orgulhoso, para arrogar-me esta alta distinção, (como por justiça o não posso), elle arrancaria da minha mão a sua parte que nisso teve, e a agarraria com a força da convulsão do moribundo, até dar o ultimo suspiro. Seria em mim a mais arrogante presumpção attribuir-me a gloria do que pertence á Sua Magestade, e á seus Ministros, á seu Parlamento, e á grande maioridade de seu fiel Povo. Se eu fosse o unico em tal conselho, e todos me seguissem com fé implicita, então se poderia dizer que eu tinha sido o unico author da guerra; porém nesse caso a guerra seria segundo as minhas idéas, e os meus

principios. O meu crime consiste unicamente em desejar a *guerra contra regicidas*: mas nunca serei accusado, nem ainda o mais levemente, de ser o author da *paz regicida*.

F I M.

E R R A T A S.

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
6	18	em nenhuma parte alguma	em parte alguma
8	7	desembaraças-semos	desembarcas-semos
24	1	parecido	apparecido
25	19	amedontrado	amedrontado
33	16	Luiz XVI	Luiz XIV
53	23	prognostivão	prognosticavão
54	9	Lord maior	Lord Mayor
59	14	realiada	retaliada
63	13	Elles	Ellas
66	15	os	o
—	16	os forçárão	o forçárão
—	17	elle	elles
—	18	elle	elles
85	18	inpulso	impulso
88	17	conbinão	combinão
94	16	conquistado	conquistando
109	24	Priestly	Priestley
111	3	inertos	inertes
117	25	commescio	commercio
125	9	Pencionario	Pensionario